

WILD 2022

REWILDING
EM ESCALA

Rewilding
Portugal





Índice

Mensagem do Líder de Equipa	2
Mensagem de membro da Direção	3
Rewilding Portugal e a equipa	5
Rewilding Portugal em números	6
Entrevista com Deli Saavedra	8
Wildlife Comeback Report	10
Primeiro simpósio de rewilding em Portugal	12
Mapa do Corredor do Côa: paisagens e áreas rewilding	15
Vale Carapito	16
Manadas de cavalos Sorraia crescem graças a novos nascimentos	18
Vilar Maior e o Vale Carapito	20
Entrevista com Bárbara Carvalho	22
Ermo das Águias	24
Vale de Madeira e o Ermo das Águias	26
O papel da Rewilding Portugal na prevenção e combate a incêndios rurais	28
Entrevista a Paulo Paixão, FENCAÇA	30
Ribeira do Mosteiro.	32
Monitorização de aves necrófagas no Grande Vale do Côa	34
Monitorização de fungos nas áreas rewilding	36
Entrevista com Marco Ferraz	38
Paul de Toirões	40
Encontro Transfronteiriço sobre monitorização de lobo-ibérico	42
Restauro de habitats de zonas ardidas em território de lobo-ibérico	44
Um ano de crescimento para a Rede Côa Selvagem	46
Entrevista com o Chef Miguel Veiga	48
Entrevista com Ana Varela	50
Festival CÔA – Corredor das Artes	52
2ª Edição do Rewilding Photo Contest	56
Finanças 2022	58
Parcerias	59
Apoiar o trabalho da Rewilding Portugal	60

2023, Rewilding Portugal
info@rewilding-portugal.com

Título: Wild 2022
Autor: Rewilding Portugal
Composição gráfica: Maria Beatriz Jorge

Impressão e acabamento: 360imprimir
Tipo de papel: Papel reciclado (80g)
Tiragem: 200 exemplares



Mensagem do Líder de Equipa

Há um ano atrás, enquanto visitava outras paragens mais a sul, em visitas a outros colegas da área do restauro ecológico, tive a oportunidade de testemunhar a libertação de um par de lince-ibéricos, ao mesmo tempo que começava a guerra na Ucrânia. Iniciativas de restauro ecológico no Delta do Danúbio e na Polésia viram os seus esforços comprometidos perante o avanço da ofensiva russa. Durante este último ano, a resiliência do povo Ucrainiano manteve-se forte, e os lince-ibéricos passaram a marca dos mil.

Aqui bem perto, na Serra da Estrela, paisagem em que tenho raízes, também o súbito desastre dos incêndios fizeram estragos num parque natural já de si debilitado por décadas de gestão à deriva, onde a visão do potencial ecológico é ignorada devido a uma insistência em soluções nostálgicas e ineficazes. Ainda que a Rewilding Portugal tenha contribuído com ideias inovadoras para mudar o rumo da gestão do parque, continuamos a ver aplicada a velha fórmula de ficar tudo na mesma, à espera do próximo desastre. Até quando se esperará pelo regresso da fauna selvagem ao mais emblemático parque natural português, por se insistir que o regresso das pessoas e das atividades museológicas serão a solução dos males que o afetam?

Em 2022 os esforços de rewilding no Grande Vale do Côa continuaram, com o crescimento das manadas de cavalo Sorraia. Na primavera e verão nasceram dois novos potros, o Seixo e Semente, aumentando assim o número de Sorraias em regime semisselvagem para 21 animais. São os pioneiros do cavalo selvagem de espírito livre, mas os primeiros de um regresso que vem para ficar e fazer história. Uma das manadas encontra-se na mais recente área aberta a visitantes, o Ermo das Águias. E para quem quiser ficar alojado nas proximidades, o Centro Rewilding está já a funcionar como um Alojamento Local na aldeia de Vale de Madeira.

Partilhámos com os nossos pares e partes

interessadas novas visões de renaturalização durante o primeiro simpósio de rewilding em Portugal, co-organizado com a Cascais Ambiente na Quinta do Pisão, e que juntou um alargado grupo de especialistas e pensadores da temática para debater os alicerces e caminhos que esta abordagem tem e terá para o futuro da biodiversidade em Portugal.

A par da ciência do rewilding, este ano lançámos publicamente o CÔA – Corredor das Artes, um festival de arte pública na paisagem que pretende devolver às terras que o rio Côa atravessa a expressão artística que há milénios o marca. Este evento, com um cunho contemporâneo, procura aproximar os valores naturais da expressão artística com o envolvimento das comunidades locais, constituindo uma marca de referência para os anos vindouros.

No ano que fechamos, a Rede Côa Selvagem agrega mais de 30 negócios a trabalhar em sinergia para oferecer a melhor experiência de visita, acomodação e produtos locais de excelência. Continuamos a apostar na formação de guias de natureza, com 16 novos guias formados em parceria com a Rewilding Europe, e que ficaram capacitados para oferecer experiências únicas a quem os acompanha na descoberta da natureza.

Continuamos a apostar na criação de corredores de coexistência com a vida selvagem, sendo que até ao final de 2022 já integrámos 64 cães de proteção de gado em diversas explorações pecuárias. Falta agora melhorar a disponibilidade de presas silvestres para os predadores que visamos proteger.

Estas iniciativas da Rewilding Portugal são blocos que compõem uma estratégia holística de promover um Portugal mais selvagem, integrando uma visão a longo prazo, e acima de tudo um compromisso geracional. A Rewilding Portugal pretende promover um território mais bio-diverso, resiliente e socialmente justo para que as próximas gerações possam construir sobre o nosso legado.



Pedro Prata
Líder de
Equipa da
Rewilding
Portugal



Mensagem do Tesoureiro da Direção

Constrói para ti um jardim

O que hoje somos é uma construção recente que, no essencial, resulta da combinação de valores herdados do Iluminismo e da Revolução Industrial. Neles se fundam as sociedades atuais, profundamente antropocêntricas, materialistas e ávidas de progresso.

O Iluminismo propõe o conhecimento e o domínio da natureza, de forma a assegurar o progresso e “iluminar” o espírito dos homens. O Fausto de Goethe é, por isso, um dos melhores símbolos da modernidade. Nele, Fausto, um homem das ciências, desiludido com a falta de conhecimento do seu tempo, faz um pacto com o demónio, que o enche com uma energia satânica e uma paixão pela técnica e o progresso. Fausto acaba no Inferno. É essa a natureza do pacto.

Nos últimos 10 mil anos, devido ao engenho humano e a uma era geológica estável e favorável, criámos civilizações extraordinárias, que transformaram profundamente a nossa forma de viver. Só nos últimos 200 anos, e apesar da população mundial ter aumentado sete vezes, o PIB per capita aumentou 14 vezes. Porém, com impactos tão profundos em equilíbrios chave da biosfera, que o nosso futuro na Terra passou a estar em causa.

O ritmo atual de extinção de espécies é mil vezes superior ao que era antes da Revolução Industrial e a tendência é de agravamento. Ou regressamos à natureza, ou como alertava o grande chefe índio de Seattle¹, em 1854, na carta que escreveu ao presidente dos EUA, em resposta à oferta-ultimato que este lhe fez, acabaremos vítimas de nós próprios: “Tudo o que acontece aos animais acontecerá também ao homem. Todas as coisas estão ligadas. E, se tudo desaparecer, o homem morrerá numa grande solidão

espiritual.”

Contra a ideia iluminista de dominação, o sociólogo Zygmunt Bauman exorta-nos a sermos “jardineiros”, não “caçadores”, isto é, a estabelecermos relações com os outros e o planeta assentes na colaboração, não na apropriação.

Na tradição chinesa, os letrados tinham como uma das suas atividades principais plantar um jardim e cuidar dele. Como lembra Tolentino Mendonça², “um intelectual era aquele que se distinguia no cuidado do seu jardim, não apenas aquele que fabricava ideias ou palavras”. Aliás, na tradição chinesa, “voltar à natureza” e “voltar à minha natureza” ou “a mim mesmo” eram conceitos que se confundiam.

Seria certamente mais fácil mobilizar a humanidade para combater um inimigo externo ou passageiro do que para se questionar e mudar a si própria, mas não temos outra alternativa a não ser regressar à natureza e construirmos um jardim. Seremos capazes?



João Wengorovius Meneses

Tesoureiro da Direção

¹www.kuow.org/stories/how-chief-seattle-mistakenly-inspired-environmental-movement

²José Tolentino Mendonça, Revista Expresso, Edição 2269, 23/04/2016.

BEBER UM COPO DE VINHO NUNCA FOI TÃO SELVAGEM



Ao comprares Altano Rewilding estás a contribuir para os esforços de rewilding em Portugal

Rewilding Portugal



A Rewilding Portugal é uma organização privada sem fins lucrativos, estabelecida em janeiro de 2019 na Guarda, cuja missão é promover a conservação da natureza por meio de medidas de rewilding, ou renaturalização, em Portugal. Atualmente a organização trabalha nas áreas do Ribacôa e Beira Alta no norte de Portugal, com o objetivo de trazer a natureza de volta

a grande escala e promover economias locais baseadas na natureza mais sustentáveis. A Rewilding Portugal é o parceiro estratégico da Rewilding Europe na área rewilding do Grande Vale do Côa, e está a trabalhar em colaboração com vários parceiros para alcançar o objetivo comum de tornar Portugal um lugar mais selvagem.

A Equipa



Pedro Prata
Líder de Equipa



Marta Cáliz
Diretora de Operações



Sara Aliácar
Diretora de Conservação



Kayte Phillips
Diretora de Finanças



Fernando Teixeira
Técnico de Comunicação e Marketing



André Couto
Técnico de Conservação



Pedro Ribeiro
Técnico de Conservação



Joaquim Canotinho
Técnico de Empreendedorismo



Miguel Pontes
Patrulha de Campo



Gonçalo Matos
Patrulha de Campo



Marta Vieira
Veterinária



Rui Marques
Operativo de campo



Nuno Paixão
Operativo de campo



Marlene Vieira
Responsável do Centro Rewilding



Paula Saraiva
Estagiária Centro Rewilding



Sofia Capelo
Assistente Administrativa



Abel Coito
Caseiro Ribeira do Mosteiro



Lurdes Coito
Caseira Ribeira do Mosteiro

A Direção

Hendrick Adriaan Van Beuninguen
Presidente da Direção

Miguel Bastos Araújo
Secretário da Direção

João Wengorovius Meneses
Tesoureiro da Direção

Rewilding Portugal em números

Estes números são globais e dizem respeito aos números totais contabilizados desde 2019



■ Geral ■ Rewilding ■ Empreendedorismo ■ Comunicação



Entrevista com Deli Saavedra

HEAD OF LANDSCAPES DA REWILDING EUROPE, DELI SAAVEDRA TEM A IMPORTANTE MISSÃO DE ACOMPANHAR A EVOLUÇÃO DOS ESFORÇOS DE REWILDING DE VÁRIAS ÁREAS EM OPERAÇÃO NESTE MOMENTO A NÍVEL EUROPEU. EM ENTREVISTA FALA-NOS DOS MAIORES DESAFIOS DA SUA POSIÇÃO, DO FUTURO DESTA PROJETO COLETIVO E UNIFICADO E DOS PLANOS QUE TEM PARA O QUE AINDA ESTÁ PARA VIR.

O que achas que diferencia o rewilding de outras abordagens de conservação da natureza?

O rewilding é uma abordagem mais descontraída à conservação da natureza, onde não prescrevemos como é que a natureza se deve comportar, mas onde lhe damos resiliência, através do espaço geográfico (quanto maior, melhor) e lhe devolvemos os elementos perdidos nos ecossistemas. Ao mesmo tempo, o rewilding não se contenta com o que já está protegido, mas visa ir além, restaurando a natureza em larga escala.

Como Head of Landscapes, quais foram os teus maiores desafios e sucessos?

Acho que o maior desafio tem sido “manter os pratos a girar”, ou seja, garantir financiamento suficiente para permitir que as diferentes paisagens de rewilding por toda a Europa funcionem a todo o vapor e aumentem as suas operações. É difícil encontrar fontes de financiamento de longo prazo para rewilding, portanto, muitas vezes, quando o garantimos para uma das áreas (um dos pratos), a fonte de financiamento de outra pode já estar a terminar. Ao mesmo tempo, é encorajador ter aumentado o número de áreas rewilding da rede da Rewilding Europe de cinco em 2012 para dez em 2022.

O novo European Wildlife Comeback Fund espera facilitar reintroduções e translocações de fauna – fala-nos um pouco sobre esta nova iniciativa.

Há imensa pesquisa científica a demonstrar que precisamos de aumentar as populações de vida selvagem, especialmente daquelas espécies (as chamadas espécies-chave) que têm um efeito fundamental nos ecossistemas, removendo biomassa (grandes herbívoros), moldando cadeias tróficas (grandes carnívoros) ou removendo animais mortos (necrófagas). As reintroduções requerem estudos de viabilidade, licenças administrativas e dinheiro, e muitas vezes os profissionais encontram-se numa situação de “catch 22”: é difícil obter licenças se o dinheiro não for garantido, mas também é difícil garantir aos doadores que as licenças serão obtidas assim que o dinheiro for concedido. O European Wildlife Comeback Fund (EWCF) é um fundo

específico criado para apoiar financeiramente os projetos de reintrodução que estão prontos. Isso significa que têm já de ter estudos de viabilidade, acordos estabelecidos com as principais partes interessadas e licenças emitidas pelas autoridades. Esperamos aumentar significativamente as reintroduções de vida selvagem em toda a Europa, de forma responsável e seguindo as diretrizes da IUCN.



Uma nova área rewilding foi lançada recentemente nas Iberian Highlands. Conta-nos um pouco sobre esta nova área rewilding e quais são os planos para os próximos anos.

“Iberian Highlands” é o nome que demos a uma imensa região do leste de Espanha, que compreende quase um milhão de hectares das regiões de Castela-Mancha e Aragão. O abandono de terras é o principal desafio (a densidade populacional é de 2 habitantes/km²), mas acreditamos ser também a principal oportunidade para criar um dos maiores espaços naturais da Europa, onde a paisagem e a fauna abundante se podem somar ao rico património cultural para construir um destino interessante para o ecoturismo. O plano para os próximos três anos prevê a reintrodução de grandes herbívoros (cavalos e tauros), do abutre-preto e do lince ibérico. Florestas antigas serão protegidas através de sistemas de compensação e novos sistemas de manejo florestal serão acordados para valorizar melhor o uso da madeira e impedir o corte de árvores inteiras para biomassa. Será criada uma rede de operadores e produtores (semelhante à Rede Cõa Selvagem da Rewilding Portugal) para apoiar algumas atividades económicas das comunidades locais.

Moras numa área onde os incêndios costumavam ser um problema maior, mas que agora tem boas medidas para evitá-los. Algumas dessas medidas da Catalunha poderiam ser aplicadas em Portugal?

Bem, os incêndios florestais catastróficos são um grande problema em todas as regiões com clima mediterrânico, e a Catalunha não é exceção. Não conheço bem a política e a estratégia por detrás da prevenção de incêndios e posso dizer que, infelizmente, o rewilding não está incluído, mas posso pelo menos apontar bons métodos de prevenção: o uso de fogo prescrito para diminuir o combustível em algumas áreas, especialmente interligando grandes manchas de floresta e ainda restrições de acesso. No verão passado, com risco extremo de incêndio, a maioria dos parques naturais foram fechados ao público, inclusivamente o acesso pedonal. Foi uma medida difícil, tanto politicamente como de ser aplicada, mas a realidade é que a Catalunha foi uma das regiões da Península Ibérica com menos hectares ardidos.

Como vê a evolução da área rewilding do Grande Vale do Cõa, e quais são as principais oportunidades e desafios para esta área no futuro?

O Grande Vale do Cõa é um dos grandes sucessos da Rewilding Europe e da Rewilding Portugal. Uma área bastante desconhecida em 2011 é hoje um dos principais exemplos de como o rewilding pode potenciar a conservação da natureza e



as atividades económicas sustentáveis de uma forma completamente nova, de baixo para cima, trabalhando lado a lado com as comunidades locais. Governos e instituições públicas (como o ICNF) devem aprender muito com o trabalho de coexistência com o lobo realizado pela Rewilding Portugal. Ao mesmo tempo, mostrámos com dados científicos que precisamos de grandes herbívoros na paisagem, para torná-la menos propensa a incêndios. Paisagens resilientes e comunidades resilientes, este é o futuro, e o Grande Vale do Cõa é uma das mais brilhantes montras europeias disso mesmo.

Do teu ponto de vista pessoal e refletindo sobre 2022, o que gostarias que acontecesse em 2023?

Adoraria ver uma ação real para o clima e para a biodiversidade. Todos dizem que estamos em modo de emergência, mas continuamos a viver a nossa vida como se nada de grave estivesse a acontecer. A nossa sociedade tem de mudar profundamente, e o rewilding é um dos caminhos a seguir. A nossa missão é construir esse caminho caminhando, talvez até correndo, e precisaremos de ser ousados, enérgicos e persistentes em 2023 para que isso aconteça. Ânimo!

Wildlife Comeback Report,

o novo e atualizado relatório sobre o regresso da vida selvagem

EM SETEMBRO DE 2022, FOI LANÇADO UM NOVO E ATUALIZADO RELATÓRIO DE REGRESSO DA VIDA SELVAGEM, ENCOMENDADO PELA REWILDING EUROPE, QUE NOS TRAZ AS INFORMAÇÕES, AS OPORTUNIDADES E OS DESAFIOS MAIS RECENTES SOBRE O REGRESSO DA VIDA SELVAGEM NUMA ESCALA EUROPEIA.

Novas percepções sobre o retorno da vida selvagem

Em 2013, o primeiro Relatório de Regresso da Vida Selvagem foi publicado, para na altura se conseguir entender melhor e de forma mais científica este regresso da vida selvagem pela Europa e para apoiá-lo de forma mais eficiente no futuro. Para atualizar estes dados, especialistas da Zoological Society of London (ZSL), da BirdLife International e do European Bird Census Council têm trabalhado nesta visão geral, revista por pares com base científica, do regresso de uma enorme variedade de espécies selvagens europeias, dos quais resultou esta nova atualização de dados lançada agora em 2022. Apresentando mudanças em números e distribuição, este documento permite entender melhor o motivo pelo qual algumas espécies estão a ser mais bem sucedidas que outras. Este relatório, que envolveu setenta especialistas por toda a Europa, descreve, portanto, de forma pormenorizada o regresso de espécies selecionadas de pássaros e mamíferos que mostraram sinais disso mesmo nos últimos 40-50 anos.

Compreender e abraçar esta recuperação

Apoiar o regresso da vida selvagem é um dos principais objetivos da missão da Rewilding Europe e da Rewilding Portugal. Seja criando as condições para que a vida selvagem regresse por conta própria ou reintroduzindo espécies em habitats onde se extinguíram ou não podem recuperar por conta própria. A queda sem precedentes de biodiversidade que vivemos atualmente, torna a apoiar o regresso da vida selvagem uma prioridade urgente.

Apesar deste declínio geral, também existem motivos para otimismo. Um grande número de espécies selvagens teve um regresso espetacular por toda a Europa nas últimas quatro décadas, provando que a natureza selvagem é resiliente e pode recuperar se as condições para tal forem adequadas. Fatores como o aumento da proteção legal, a criação de corredores entre áreas protegidas ou essenciais à vida selvagem, a recuperação de espécies de presas, as reintroduções e outras medidas de apoio às populações, a par de uma cada vez maior vontade dos europeus em conviverem e usufruírem da presença de animais selvagens, são tudo elementos que têm contribuído para esta recuperação.

Existem espécies que apresentam dados e evoluções especialmente positivos e que mostram que reintroduções e esforços de conservação de rewilding podem contribuir para estes regressos. O castor-europeu é um bom exemplo disso mesmo, já que aumentou 835% a sua distribuição entre 1955 e 2020, um animal que chegou a estar em risco de extinção devido à perda de habitat e pressão humana e que agora tem mais de um milhão de indivíduos na Europa.

Outra espécie também em destaque é o bison-europeu, animal que durante a Idade Média sofreu também muito com a caça e com a perda de habitat. Começou a ser reintroduzido em 1950, esforços de reintrodução que têm sido reforçados, inclusivamente com um programa de reintrodução na Bulgária em 2019, onde os nossos parceiros da Rewilding Rhodopes participaram





e que tem tido resultados muito positivos. Tão positivos que esta espécie que estava “Em perigo” em 1996 está agora em estado “Vulnerável” e com uma população em crescimento.

Os benefícios da vida selvagem

A vida selvagem pode regressar se lhe dermos espaço e tempo, e se tomarmos medidas eficazes para melhorar a coexistência entre esta e as populações locais. Esta nova publicação destaca como podemos apoiar este regresso e o papel essencial que a vida selvagem desempenha nas nossas paisagens, com benefícios para a natureza, o clima e as pessoas.

Paisagens sem vida selvagem são como teatros sem atores: uma coisa precisa da outra para funcionar corretamente. O regresso da vida selvagem pode ajudar a restaurar o funcionamento dos ecossistemas, recuperando as tão necessárias interações entre as espécies e os seus habitats. Ecossistemas saudáveis, por sua vez, oferecem uma ampla gama de benefícios, incluindo o fornecimento de água potável, o armazenamento de carbono, a prevenção de incêndios e inundações e até benefícios socioeconómicos para as comunidades locais.

Em Portugal, por exemplo, o regresso de espécies selvagens emblemáticas aos territórios, como o lobo-ibérico ou o lince-ibérico pode ter

um papel fundamental não só na funcionalidade dos ecossistemas, mas também na criação de um turismo de natureza forte e que atraia pessoas, numa ótica da sua preservação e valorização, trazendo novas potencialidades económicas a territórios de Interior muitas vezes pouco valorizados e esquecidos em modelos económicos modernos.





Primeiro simpósio de rewilding em Portugal

O SIMPÓSIO, QUE AJUDOU A PROMOVER O REWILDING NO CONTEXTO EUROPEU E PORTUGUÊS, FOI O PRIMEIRO SOBRE ESTA TEMÁTICA EM PORTUGAL, ACONTECEU NA QUINTA DO PISÃO, EM CASCAIS, E CONTOU COM UMA SÉRIE DE APRESENTAÇÕES DE LÍDERES NO PENSAR DESTA ABORDAGEM DE REWILDING. O EVENTO TEVE UMA FORTE ADEÇÃO PRESENCIAL E ONLINE. SÓ NOS MEIOS DIGITAIS FOI VISTO POR MAIS DE 5.000 PESSOAS.

Evento pioneiro

O primeiro simpósio de rewilding em Portugal decorreu nos dias 22 e 23 de setembro na Quinta do Pisão (membro da European Rewilding Network), logo às portas de Lisboa. Organizado pela Rewilding Portugal e pela Cascais Ambiente, este evento ajudou a aumentar a disseminação do rewilding e da agenda da Rewilding Portugal e da Rewilding Europe nesta matéria e segundo esta abordagem de conservação de natureza. Com a presença de vários especialistas em rewilding e conservação, decorreram muitas discussões produtivas relativamente às oportunidades e aos desafios do rewilding em Portugal.

O simpósio contou com a presença de ONGs, representantes do governo, estudantes universitários e outros parceiros da Rewilding Portugal. O evento também foi transmitido online gratuitamente e já foi assistido online por mais

de 5.000 pessoas. A primeira oradora do evento foi Raquel Filgueiras, Diretora de Rewilding na Rewilding Europe.

“Este foi um evento realmente pioneiro, produtivo e bem organizado, que ajudou a reforçar a validade e legitimidade da agenda de rewilding europeia”, diz Filgueiras. “Serviu como uma ótima plataforma para falar sobre o rewilding em contexto português, bem como o que distingue o rewilding da conservação tradicional da natureza.”

Discussão diversa e produtiva

O programa do simpósio contou com apresentações de vários especialistas em rewilding (renaturalização) e conservação, incluindo Humberto Rosa (o Diretor para a Biodiversidade na Comissão Europeia), Pedro Prata (líder de equipa da Rewilding Portugal), Jordi Palau (Fundación Española de Renaturalización e um membro do



board diretivo da nova Rewilding Spain), Henrique Miguel Pereira (iDiv e CIBIO/BIOPOLIS), Carlos Albuquerque (diretor do Departamento de Conservação de Natureza e Biodiversidade do ICNF), e Ana Salomé (Symington Family Estates).

Os temas destas apresentações incluíram o papel do restauro ecológico, o potencial do rewilding para cumprir os objetivos de restauro ecológico e conservação da natureza em Portugal, a herbivoria natural e o seu papel na mitigação do risco de incêndios catastróficos, a gestão de áreas classificadas e protegidas em Portugal e o restauro ecológico à escala da paisagem dentro destas, e economias baseadas na natureza e o papel da iniciativa privada na conservação da natureza.

“Este simpósio marcou um ponto de viragem em termos de como a conservação da natureza é percebida em Portugal, e do que pode ser feito se formos criativos e ambiciosos”, afirma Pedro Prata, líder de equipa da Rewilding Portugal. “Foi importante ter um encontro onde estiveram presentes tantas organizações e entidades com responsabilidades no espaço de conservação, para debater e co-definir o futuro do rewilding neste país.”

Os participantes do simpósio tiveram ainda a oportunidade de usufruir de duas visitas à Quinta do Pisão para testemunhar em primeira mão os esforços de rewilding que ali se realizam – uma à noite para observação de morcegos e aves, outra durante o dia para conhecer melhor o espaço.



Foco para o futuro

Hoje, a equipa da Rewilding Portugal está a trabalhar arduamente para renaturalizar o Grande Vale do Côa, com o objetivo de criar uma paisagem natural mais saudável, totalmente funcional e resiliente, completa com uma enorme variedade de espécies de vida selvagem e uma próspera economia baseada na natureza. Ao demonstrar o enorme potencial do rewilding, espera-se que os seus esforços motivem outras iniciativas portuguesas de rewilding a seguirem o seu exemplo.

“A consciência para o rewilding está definitivamente a aumentar em Portugal”, diz Raquel Filgueiras. “Uma das perguntas que surgiram neste simpósio foi: ‘porque não é o rewilding em Portugal realizado de forma mais ampla?’ Tal como acontece com o rewilding em contexto europeu, está realmente na altura de ganhar escala.”



Assiste aqui ao simpósio completo!

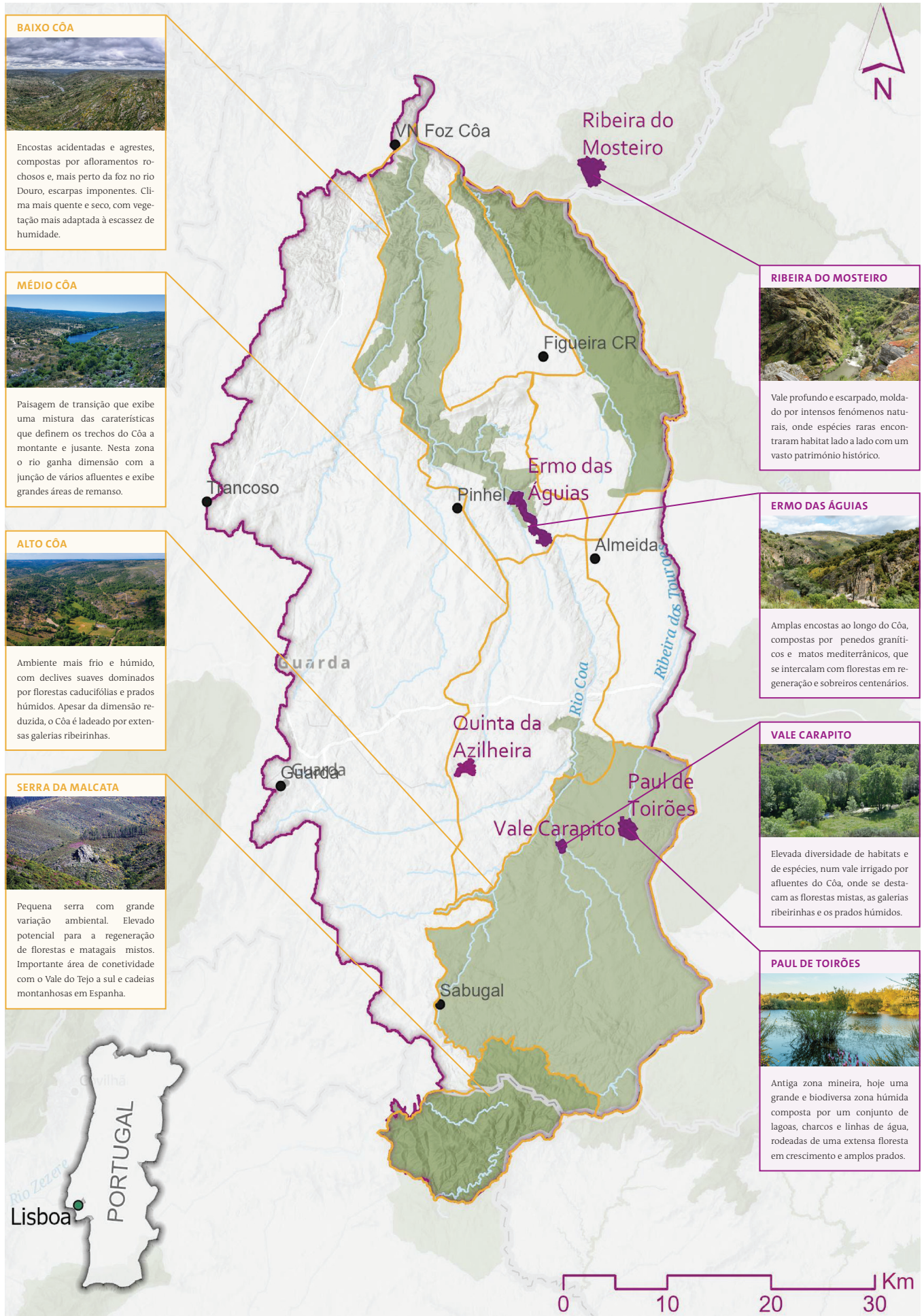


QUINTA DO RIO
NOÉMI Alojamento Rural
GUARDA



Vem visitar o Grande Vale do Côa?

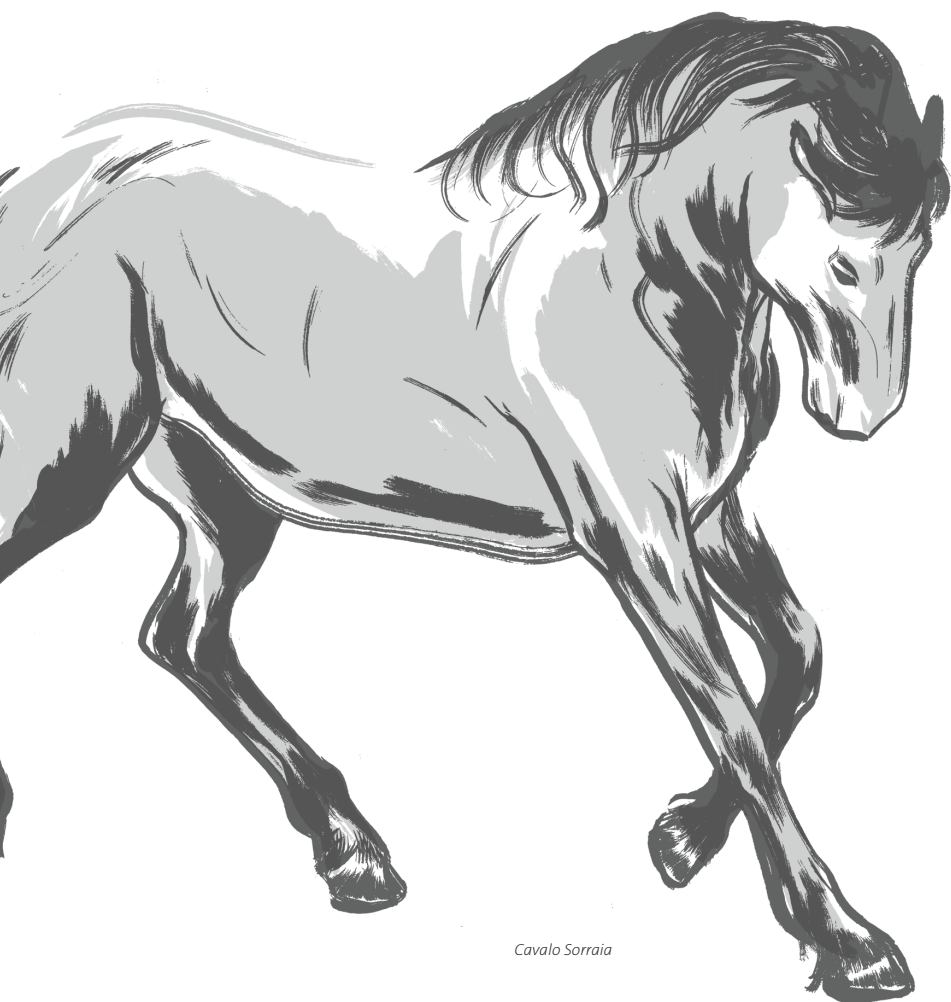
Viva uma Experiência Rural Única e
Autêntica, na Quinta do Rio Noémi





Vale Carapito

Vilar Maior, Sabugal



Cavalo Sorraia

A norte da aldeia histórica de Vilar Maior, a apenas dois quilómetros da margem este do rio Côa, o Vale Carapito exhibe um diverso mosaico de habitats naturais, irrigados pelo rio Cesarão e a ribeira de Alfaiates. Florestas mistas de folhosas e coníferas, matos, e prados secos e húmidos, criam condições para a existência de animais e plantas com requisitos ecológicos muito diversos.

Nesta paisagem em renaturalização, vislumbram-se ainda as marcas de um passado agrícola que teve o seu desfecho durante o êxodo rural do século XX. Muros de pedra seca e ruínas de moinhos de água são agora atravessados pelas raízes de grandes amieiros, freixos e várias espécies de carvalhos. Aqui é bastante evidente o regresso do corço aos seus antigos territórios, assim como a presença de uma manada de cavalos Sorraia. Esta raça apresenta características muito semelhantes aos cavalos selvagens que habitavam todo o oeste da Europa e que desapareceram com o crescente impacto do ser humano. A manada foi introduzida no Vale Carapito com o objetivo de replicar o papel dos seus antepassados no ecossistema, sobretudo através da herbivoria e do reforço do ciclo de nutrientes, tendo um efeito positivo para a restante biodiversidade, entre a qual se destacam as ricas comunidades de insetos, pequenas aves, anfíbios e répteis.

Através do trabalho de conservação da natureza e das fortes ligações que a Rewilding Portugal continua a construir com a comunidade local, o Vale Carapito representa uma excelente oportunidade para demonstrar o impacto que a filosofia rewilding pode trazer à região, não só do ponto de vista ambiental, mas também do desenvolvimento social e da criação de novas oportunidades económicas.



Biodiversidade em números

NO VALE CARAPITO FORAM REALIZADAS ATÉ AO MOMENTO AMOSTRAGENS FOCADAS NO LEVANTAMENTO DE ANIMAIS VERTEBRADOS, INSETOS, PLANTAS E FUNGOS, PARTE DAS QUAIS INTEGRADAS NO ESTUDO DOS EFEITOS DO NATURAL GRAZING NAS COMUNIDADES BIOLÓGICAS.



VERTEBRADOS

140 espécies

- 4 de peixes
- 9 de anfíbios
- 11 de répteis
- 98 de aves
- 18 de mamíferos



INSETOS

222 espécies

- 68 de borboletas e traças
- 42 de escaravelhos
- 27 de abelhas, vespas e formigas
- 57 de cigarras e percevejos



PLANTAS

178 espécies

- 24 de árvores e arbustos



FUNGOS

42 espécies

ESPÉCIES AMEAÇADAS DE VERTEBRADOS A NÍVEL NACIONAL

10 espécies, nomeadamente búteo-vespeiro (*Pernis apivorus*) e morcego-de-franja-do-sul (*Myotis escaleraei*)

ESPÉCIES AMEAÇADAS DE VERTEBRADOS A NÍVEL INTERNACIONAL

6 espécies, nomeadamente coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*) e cágado-mediterrânico (*Mauremys leprosa*)

ENDEMISMOS IBÉRICOS

11 espécies, nomeadamente cobra-cega (*Blanus cinereus*) e escalo-do-norte (*Squalius carolitertii*)

PRINCIPAIS AÇÕES DE GESTÃO E RENATURALIZAÇÃO

- » Monitorização e promoção do processo de renaturalização em 73,5 ha de terreno.
- » Introdução de uma manada de cavalos Sorraia para natural grazing.
- » Construção de 2 charcos para a vida selvagem e retenção de água nas zonas mais secas.
- » Restauro de 1,70 ha de prados, através de desmatações seletivas e enriquecimento do banco de sementes nativas.
- » Remoção de 2 km de vedações obsoletas de arame farpado.
- » Classificação da área como reserva de não caça, em parceria com a Direção da Zona de Caça Associativa de Vilar Maior, permitindo o seu funcionamento como zona de refúgio e de fonte populacional para espécies com interesse para conservação e cinegética.
- » Criação de um trilho de visitação e realização de visitas com promotores e entidades locais.



Manadas de cavalos Sorraia crescem graças a novos nascimentos

AS MANADAS DE CAVALOS SORRAIA CONTINUAM A CRESCER NO GRANDE VALE DO CÔA. EM 2022 NASCERAM DOIS NOVOS POTROS, O SEIXO E A SEMENTE, TRAZENDO O TOTAL DE CAVALOS SORRAIA EM REGIME SEMISSELVAGEM PARA 21 ANIMAIS. OS IMPACTOS POSITIVOS DESTES ANIMAIS NA PAISAGEM JÁ SE COMEÇAM A SENTIR NO VALE CARAPITO E ERMO DAS ÁGUIAS.

O cavalo Sorraia, raça autóctone portuguesa, tem uma população de apenas cerca de 200 exemplares em todo o mundo. Tido como uma reminiscência do ancestral selvagem do cavalo ibérico, o Cavalo Sorraia tem este nome por ter sido uma espécie recuperada a partir dum núcleo de animais que foi encontrado no vale do Rio Sorraia, em Coruche. São cavalos de pequena esta-

tura (1.44 a 1.48m em média), com uma pelagem de baio pardo ou rato, com lista de mulo e maior ou menor evidência de zebruras na cabeça e nos membros.

Os Sorraias são cavalos extremamente resistentes às condições ambientais, algo que herdaram dos seus primitivos ancestrais, cuja função se pretende recuperar nos ecossiste-



FERNANDO TEIXEIRA

mas. Enquanto herbívoros, têm um papel fundamental, porque ajudam a modelar a floresta, mantendo pastagens e áreas abertas, através do pastoreio natural. São ainda ótimos aliados para diminuir o risco de incêndios florestais e rurais, uma das maiores ameaças em Portugal que se tem agravado nos últimos anos.

A Rewilding Portugal tem neste momento três manadas de cavalos Sorraia, sendo que os primeiros animais chegaram à área rewilding do Vale Carapito em 2021. Um ano depois, em abril de 2022, chegaram os primeiros cavalos ao Ermo das Águias, perto da povoação de Vale de Madeira, no concelho de Pinhel. Finalmente, em setembro de 2022, a terceira manada chegou à Ribeira do Mosteiro, localizada no Parque Natural do Douro Internacional.

Os elementos mais jovens desta família, a Relá, a Raia e o Rewilding, potros nascidos em 2021 continuaram a crescer rapidamente durante 2022 e são já independentes das mães. Em 2022 deram-se também os primeiros nascimentos de cavalos Sorraia em estado semisselvagem – o Seixo e a Semente nasceram durante a primavera e verão de 2022 no Vale Carapito, vindo con-

tribuir para aumentar o número de cavalos desta raça ameaçada. Os nomes do potros foram escolhidos por votação – o do Seixo foi escolhido pelos Patreons da Rewilding Portugal e o da Semente através de uma votação pública.

Os efeitos de todos os cavalos Sorraia em estado semisselvagem nas áreas rewilding, nomeadamente na vegetação, solo e polinizadores estão a ser avaliados para entender melhor o seu papel na construção de paisagens mais funcionais, heterogêneas e resistentes a incêndios.

Parcelas cercadas, onde o pastoreio é totalmente excluído foram construídas para comparar a estrutura da vegetação, a diversidade e abundância de polinizadores etc., com e sem pastoreio natural. Na área rewilding do Vale Carapito esta experiência começou em 2020 com o apoio da Terraprima, MARETEC/IST e Tagis, que recolheram dados de base antes da chegada da manada.

Após apenas um ano de pastoreio, já são visíveis algumas mudanças. O pastoreio reduziu a altura das gramíneas e da sua biomassa, consequentemente reduzindo a quantidade de combustível (intensidade do fogo) e aumentando a descontinuidade na estrutura vertical da vegetação, o que reduz o risco de propagação do fogo para as copas das árvores.

As gramíneas curtas são um excelente habitat para os coelhos, que aumentaram também nestas áreas. É também visível uma mudança na composição da vegetação, de uma dominância de gramíneas para uma maior variedade de plantas com flores, uma importante fonte de alimento para os polinizadores.

Nos próximos anos, a Rewilding Portugal vai continuar a trabalhar para que as manadas de cavalos Sorraia cresçam e desempenhem as suas funções de herbívoros naturais, contribuindo para uma paisagem mais diversa, resiliente e abundante em vida selvagem.



AGATA RUCIŃ

Vilar Maior e o Vale Carapito

A ALDEIA DE VILAR MAIOR, NO CONCELHO DO SABUGAL É UM LOCAL COM MUITO PARA CONHECER, EXPLORAR E VISITAR, SEMPRE COM RESPEITO PELA NATUREZA. ESTA ALDEIA, PRÓXIMA DA ÁREA REWILDING DO VALE CARAPITO, TEM UM ENORME PATRIMÓNIO HISTÓRICO QUE ATRAI MUITOS VISITANTES À REGIÃO, PRINCIPALMENTE AQUELES QUE PERCORREM A GRANDE ROTA DO VALE DO CÔA.

A aldeia de Vilar Maior pertence à rede das cinco Vilas Medievais do Sabugal e foi fundada no século XII. A aldeia possui um castelo em bom estado de conservação, elevado e de onde se consegue ver toda a aldeia e a área rewilding do Vale Carapito. Para além do castelo, subsiste ainda uma torre, assim como parte da muralha, uma cisterna, alguns arcos e escadaria para chegar ao topo. Existe também um museu na aldeia, que dá a conhecer a sua história, tendo presentes vários elementos de arqueologia, arte sacra e livros antigos. Outro ponto de paragem obrigatória é a Igreja Matriz, inspirada em São Pedro e edificada no século XIII.

A Rewilding Portugal tem vindo a desenvolver uma série de atividades em Vilar Maior, graças a uma parceria com a Associação Muralhas de Vilar Maior, uma associação local que tem como objetivo preservar e divulgar o património cultural, material e imaterial da aldeia, assim como divulgar Vilar Maior e o seu património para o exterior. Para Bárbara Cardoso, vice-presidente da associação, a parceria com a Rewilding Portugal é importante para o cumprimento destes objetivos: “Consideramos a parceria estabelecida como estratégica, coerente com a nossa missão e objetivos, fundamental na dinamização de atividades e promoção do património natural e cultural de Vilar Maior, mesmo além-fronteiras.”

Durante 2022, a Wild Côa Symphony (residência artística apoiada pelo Endangered Landscapes Programme) organizou um evento com a comunidade local, que incluiu uma caminhada até

ao Vale Carapito e o registo de alguns cantares locais. O objetivo desta residência artística é desenvolver um “poema vídeo-sónico impressionista” do Grande Vale do Côa, que será exibido em 2023.

Em 2022 a Rewilding Portugal participou também na organização da festa anual de Vilar Maior em honra do Senhor dos Aflitos, com um dia dedicado à natureza, o Vila Wild Festival, que contou com: peddy paper, exposição fotográfica, sessão informativa, passagem de documentário e dos resultados da residência artística Wild Côa Symphony, visita guiada ao Vale Carapito e ainda concertos na zona do castelo.

Decorreram também em 2022 duas cerimónias de entrega de prémios da primeira e segunda edições do Rewilding Photo Contest, co-organizado com o município do Sabugal, e que incluíram visitas ao Vale Carapito. Em novembro, foi também realizado um magusto comunitário tradicional aberto à comunidade, com castanhas e jeropiga, que incluiu um concerto de fados do fadista Artur Conde.

Para quem quiser vir conhecer Vilar Maior, recomendamos a Casa Villar Mayor. Uma casa de campo com um cunho histórico relevante, conhecida pela tranquilidade, harmonia, hospitalidade e respeito pela natureza. Este espaço segue princípios de sustentabilidade e turismo responsável e é um dos membros da Rede Côa Selvagem, uma rede que tem por objetivo promover o lado mais selvagem de Portugal, que se pode encontrar no Grande Vale do Côa.



Vem visitar Vilar Maior?

Durma no conforto familiar da
Casa Villar Mayor!

CASA
VILLAR MAYOR



www.turispedros.pt



Entrevista com Bárbara Carvalho

Wild Côa Symphony

BÁRBARA CARVALHO É UM DOS ROSTOS DO PROJETO WILD CÔA SYMPHONY, UM PROJETO ARTÍSTICO COLABORATIVO QUE VENCEU UM CONCURSO DO ENDANGERED LANDSCAPES PROGRAMME PARA REALIZAR UMA RESIDÊNCIA ARTÍSTICA NO GRANDE VALE DO CÔA. O PROJETO ENCONTRA-SE NUMA FASE MAIS FINAL E OS PRIMEIROS RESULTADOS COMEÇAM A SER APRESENTADOS AO PÚBLICO.

O que é a Wild Côa Symphony, e de onde veio a ideia para esta residência artística no Grande Vale do Côa?

A Wild Côa Symphony é um projeto artístico colaborativo, onde três pessoas com histórias de vida muito diferentes se encontram e partem numa viagem pelos meandros do rio Côa. Eu, enquanto guia, arqueóloga e pessoa que é também um elemento desta paisagem, o eco-artista Antony Lyons e o músico-compositor Jesse D. Vernon. É uma viagem à deriva, desde a nascente até à foz, na exploração e registo de sons, reflexos, vozes, música, que visa a criação de um filme-retrato poético do Grande Vale do Côa. Conheço o Antony desde as suas primeiras incursões pelo Côa, a cada encontro, o rio e as pessoas que o habitam, foram sempre o nosso lugar-comum e tínhamos um profundo desejo

de encontrar uma forma de partilhar este lugar com o resto do mundo. A residência artística, promovida pelo ELP (Endangered Landscapes Programme), com o apoio da Rewilding Portugal, acabou por ser a alavanca para a concretização deste desejo. A nossa viagem, retratada em filme, contempla as várias geografias multissensoriais de uma paisagem, onde todas as coisas e aqueles que nela habitam e participam são o passado, o presente e o futuro deste território.

Quais as principais atividades que organizaram durante a residência, e como foi a experiência?

A residência decorreu ao longo de um ano, repartida em 4 expedições, entre o outono de 2021 e 2022. A ideia inicial era sobretudo recolher sons e imagens da paisagem tendo como reflexões de fundo, o vivido e o selvagem, a liberdade, o cuidar, a sustentabilidade e a coexistência de

elementos. Entretanto, a viagem foi convergindo sempre mais ao encontro das comunidades, queríamos explorar o sentimento de pertença e fazer algo que aportasse uma certa revitalização cultural aos lugares que cartografam esta sinfonia. Na última Primavera, organizámos atividades nas localidades de Vilar Maior, Cidadelhe e Pinhel. Com a comunidade de Vilar Maior e a Rewilding Portugal, foi organizado um passeio sonoro pelas veredas do Vale Carapito, intitulado “Tempo Profundo”. O desafio era olhar, partilhar e fazer ecoar sons e memórias do passado em torno da biodiversidade deste vale. Em Cidadelhe, promoveu-se um dia de concerto com os “fadistas” desta localidade. Trocaram-se poemas afinados à guitarra, ouvimos os hinos locais e cantigas populares enaltecidas pelas mulheres que outrora, cantavam juntas, enquanto trabalhavam as terras. Com os alunos da Escola Básica 2 de Pinhel, realizámos dois workshops de experimentação sonora e musical, tendo como base, sons de animais e do vento. Foi uma experiência incrível, bonita mas acima de tudo, cheia de generosidade. Os momentos partilhados enriqueceram-nos a todos e a própria obra da Wild Cõa Symphony.

Quando poderemos ver os resultados da residência em Portugal, e onde?

Em Novembro de 2022, em Castelo Rodrigo, no Cantinho Café, apresentámos a uma pequena audiência, os primeiros excertos do filme. Nos próximos meses, Antony Lyons e Jesse D. Vernon, estarão a trabalhar na composição sonora e montagem final do filme. Esperamos lançar a peça acabada no próximo mês de Julho, por várias localidades do Vale do Cõa. O programa será anunciado antecipadamente na conta Instagram do projeto: @wild_coa_symphony

Trabalhas em arqueologia nesta região, falamos um pouco sobre o teu trabalho nesta área e sobre que lições podemos aprender com o passado?

Vim para este território enquanto estudante de arqueologia há mais de 20 anos. O Alto Douro e o Cõa eram regiões incontornáveis para quem queria investigar os lugares mais antigos da história da Humanidade. Grandes áreas naturais



protegidas, o maior sítio com arte paleolítica ao ar livre e os mais emblemáticos recintos murados da pré-história. Era onde tinha de estar e acabei por ficar. Trabalho desde então como investigadora e freelancer com vários projetos de investigação ligados à arqueologia, no estudo e escavação de sítios arqueológicos, na sua divulgação e mediação pública, mas também ligados ao património cultural, no sentido mais generalizado, como é o caso do Arquivo de Memória, projeto desenvolvido pela Associação de Amigos do Parque e Museu do Cõa, que tem em acesso aberto um enorme repositório de testemunhos orais, que contam a história mais recente da região. O Grande Vale do Cõa detém, em todas as suas camadas tangíveis e intangíveis, da mais antiga à mais recente, um valor patrimonial imensurável e que vai além de todas as fronteiras físicas desta biorregião. É também um valor que exige um grande compromisso. Conhecer o passado, ensinou-me acima de tudo a persistir, penso que nos instiga e ensina a olhar a nossa existência nas suas várias facetas e dimensões, o ver o que está em redor, em contexto, no sentido de um percurso feito e de outros, que ainda podemos vir a fazer. Por isto mesmo, a investigação, seja em que área for, é para mim um dos grandes pilares de sustentabilidade deste território.

O que gostarias de ver acontecer no Grande Vale do Cõa no futuro?

É difícil de responder...tantas coisas! Coisas que perdurem e que se transformem, coisas que nos situem e nos façam ficar mas sobretudo, gostaria de ver pessoas com vontade de fazer acontecer. Pensando num futuro próximo e em algo que junta muitas destas coisas, e que irá de certeza acontecer, o festival Cõa - Corredor das Artes!





Ermo das Águias

Vale de Madeira e Mangide, Pinhel



Lobo Ibérico

Acompanhando a margem oeste do Rio Côa, o Ermo das Águias marca uma transição importante na paisagem do vale fluvial: aqui terminam os declives suaves que ladearam o rio desde a nascente, e começam as fragas e escarpas agrestes que o encaminharão até à sua foz, no rio Douro.

Os matos e a rocha nua dominam a paisagem, em parte devido às condições do solo, mas também ao impacto do fogo e da pastorícia nos últimos séculos. No entanto, o processo de renaturalização é já evidente nos bosquetes de carvalho-negral, e nas pequenas azinheiras e sobreiros que surgem entre os seus parentes seculares de grande porte. Ao longo das linhas de escorrência de água, os prados húmidos recuperam a sua diversidade florística, anteriormente suprimida pela intensidade do pastoreio, que se concentrava nestes locais de maior produtividade. As encostas são regularmente sobrevoadas por algumas das aves mais emblemáticas da região, como a águia-real, a cegonha-preta e o grifo, e as ruínas de um antigo fojo, uma estrutura em pedra utilizada para caçar lobo-ibérico, atestam a presença ancestral deste predador nestas terras.

Ao longo deste ano a Rewilding Portugal desenvolveu aqui vários trabalhos de monitorização de biodiversidade e ações de conservação, incluindo a introdução de uma manada de cavalos Sorraia, em regime semisselvagem, com o objetivo de replicar o extinto papel ecológico do cavalo selvagem. Para além disso também inaugurámos dois percursos de visitação, e realizámos diversas atividades com a comunidade na aldeia de Vale de Madeira, apoiadas pela existência do Centro Rewilding.



BLUE NOMADS / REWILDING EUROPE

Biodiversidade em números

NO ERMO DAS ÁGUIAS FORAM REALIZADAS ATÉ AO MOMENTO AMOSTRAGENS FOCADAS NO LEVANTAMENTO DE ANIMAIS VERTEBRADOS, INSETOS, FUNGOS, E PLANTAS, PARTE DAS QUAIS INTEGRADAS NO ESTUDO DOS EFEITOS DO NATURAL GRAZING NAS COMUNIDADES BIOLÓGICAS.

VERTEBRADOS

131 espécies

- 3 de peixes
- 9 de anfíbios
- 11 de répteis
- 95 de aves
- 13 de mamíferos

INSETOS

172 espécies

- 28 de borboletas e traças
- 34 de escaravelhos
- 31 de abelhas, vespas e formigas
- 61 de cigarras e percevejos

PLANTAS

168 espécies

- 20 de árvores e arbustos

FUNGOS

46 espécies

ESPÉCIES AMEAÇADAS DE VERTEBRADOS A NÍVEL NACIONAL

8 espécies, nomeadamente águia-real (*Aquila chrysaetos*) e morcego-ferradura-do-mediterrâneo (*Rhinolophus euryale*)

ESPÉCIES AMEAÇADAS DE VERTEBRADOS A NÍVEL INTERNACIONAL

6 espécies, nomeadamente rola-brava (*Streptopelia turtur*) e boga-do-norte (*Pseudochondrostoma duriense*)

ENDEMISMOS IBÉRICOS

8 espécies, nomeadamente toupeira-ibérica (*Talpa occidentalis*) e barbo-do-norte (*Luciobarbus bocagei*)



ÁGUIA-REAL (*AQUILA CHRYSÆTOS*)
BOGDAN BOEV / REWILDING EUROPE



ROLA-BRAVA (*STREPTOPELIA TURTUR*)
DIETMAR NILL / WILD WONDERS OF EUROPE

PRINCIPAIS AÇÕES DE GESTÃO E RENATURALIZAÇÃO

- » Monitorização e promoção do processo de renaturalização em 624 ha de terreno.
- » Introdução de manada de 11 cavalos Sorraia.
- » Criação de 2 trilhos pedestres e abertura à visitação.
- » Aquisição de direitos de caça para 281 ha, permitindo o seu funcionamento como zona de refúgio e de fonte populacional para espécies com interesse para conservação e cinegética.
- » Criação de um charco.

Vale de Madeira e o Ermo das Águias

A ALDEIA DE VALE DE MADEIRA, NO CONCELHO DE PINHEL, É O PONTO DE PARTIDA IDEAL PARA CONHECER A ÁREA REWILDING DO ERMO DAS ÁGUIAS. ENCONTRA-SE TAMBÉM NESTA ALDEIA O CENTRO REWILDING, UM ESPAÇO DEDICADO À CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E CONTACTO COM A COMUNIDADE LOCAL.

A aldeia de Vale de Madeira pertence à freguesia do Alto do Palurdo, e encontra-se muito perto de Pinhel. A aldeia possui uma igreja matriz e uma pequena capela oval, conhecida como Capela de Santa Bárbara. Outro ponto de paragem obrigatória é a praia fluvial de Vale de Madeira, que permite aos visitantes desfrutarem do rio Côa nos meses de maior calor. Perto dessa praia fluvial encontra-se também a Ponte Velha sobre o rio Côa, de origem romana, e que fazia a ligação entre Pinhel e a Reigada.

A Rewilding Portugal tem vindo a desenvolver uma série de atividades em Vale de Madeira, graças a uma parceria com um benemérito natural de Vale de Madeira, Fernando Mayor Espinha e a sua família, para a utilização de um edifício localizado no centro da aldeia – o Centro Rewilding. Este centro, inaugurado no final de 2021, é um espaço dedicado à conservação da natureza e ao contacto direto com a comunidade local. Adicionalmente, tem como objetivo estimular o turismo e a visitação à área rewilding do Ermo das Águias e assim beneficiar também a aldeia de Vale de Madeira. Trabalhar em proximidade com quem reside perto ou dentro das áreas de atuação da Rewilding Portugal é essencial para que os objetivos da organização sejam bem-sucedidos a longo prazo. O compromisso com as gentes locais é fundamental para a visão que a organização

tem para o Grande Vale do Côa.

Em 2022, o Centro Rewilding foi utilizado para vários eventos, incluindo capacitação de guias de turismo de natureza, a realização de um programa de voluntariado de vigilância de incêndios e a realização de algumas aulas de ativação física para a comunidade local. Em abril, foi também organizado um evento de libertação de mais uma manada de cavalos Sorraia em estado semisselvagem no Ermo das Águias. Este evento, que reuniu cerca de 60 pessoas, foi uma boa oportunidade para mostrar o trabalho que está a ter lugar na região.

Em agosto, a Rewilding Portugal esteve também presente e apoiou as Festas em Honra de São Sebastião, ocasião em que todas as famílias se reuniram, trazendo mais alegria e movimento à aldeia. Este evento incluiu uma procissão das velas pelas ruas da aldeia, contou com a participação da Banda Filarmónica de Santa Marinha e o tradicional jogo de futebol “Casados vs. Solteiros”.

No final de 2022 foi concluído o processo de licenciamento do Centro Rewilding como Alojamento Local, que já está aberto ao público, para atrair turistas interessados em turismo de conservação e natureza, tal como em vir conhecer o rico património cultural, histórico e gastronómico da região.



Centro Rewilding

Alojamento de turismo selvagem
em Vale de Madeira (Pinhel)

Já estamos abertos para a o receber
O melhor ponto de partida para a sua
estadia no Grande Vale do Côa



Para reservas e mais informações

932336314

centro.rewilding@rewilding-portugal.com

www.rewilding-portugal.com/pt

O papel da Rewilding Portugal na prevenção e combate a incêndios rurais

O ANO DE 2022 FOI PARTICULARMENTE FUSTIGANTE NO QUE A INCÊNDIOS RURAIS DIZ RESPEITO, PRINCIPALMENTE COM O GRANDE INCÊNDIO NA SERRA DA ESTRELA QUE CONSUMIU MAIS DE 25% DO PARQUE NATURAL. A REWILDING PORTUGAL TRABALHA ATIVAMENTE PARA PREVENIR E COMBATER INCÊNDIOS RURAIS NA REGIÃO DO GRANDE VALE DO CÔA.

Os incêndios estivais deste ano foram de uma gravidade sem precedentes e tiveram severos impactos nos ecossistemas naturais. A Rewilding Portugal apoia a criação de uma paisagem mais resiliente ao fogo, mais funcional do ponto de vista dos ecossistemas, e mais biodiversa e abundante em fauna e flora.

Uma das propostas da Rewilding Portugal é a utilização do pastoreio natural (natural grazing) com grandes herbívoros, animais que criam paisagens em mosaico, criando um equilíbrio natural entre zonas abertas de pasto e zonas de floresta. Estas brigadas de animais selvagens, como os bovinos e os cavalos selvagens, são fundamentais para criar corta-fogos e aumentar também a resiliência da paisagem, armazenando e mantendo o carbono sequestrado, e reduzindo também gastos desnecessários e ineficientes na gestão da paisagem.

A Rewilding Portugal conta também com

uma equipa de vigilância móvel de dois elementos, que tem sido uma das frentes mais ativas da organização a nível da prevenção e combate de incêndios. A equipa de vigilância percorre áreas prioritárias durante os meses mais quentes do ano, de forma a identificar incêndios em fases iniciais para que o combate e alocação de meios possa ser feito antecipadamente e de forma mais organizada.

Além disso, a equipa de vigilância tem também dado apoio direto a incêndios através da prestação de auxílio aos bombeiros e às populações no combate às frentes de incêndio. Por exemplo, a equipa esteve presente no incêndio da Quintã dos Bernardos, perto da área rewilding do Ermo das Águias, em que participaram no combate ao fogo, ajudando os bombeiros a encontrar os melhores caminhos de combate e a gerir os acessos da região. Nesse incêndio arderam 30 hectares, quando poderiam ter sido mais de 100 hectares, tendo sido o apoio prestado por esta patrulha essencial para reduzir a área afetada.

Nos incêndios na Serra da Estrela, que duraram cerca de duas semanas e onde se perderam 28,000 ha de floresta e áreas agrícolas, a participação da equipa no combate foi limitada devido à dimensão do fogo, pelo que os esforços se centraram em assistir a GNR a manter os cruzamentos essenciais desimpedidos e em escoltar autotanques até zonas afetadas.

Uma parte essencial do trabalho desta equipa é também prestar auxílio e apoio a membros das comunidades afetadas pelos incêndios. De acordo com Miguel Pontes, Senior Ranger da equipa de vigilância: “No incêndio da Amoreira, onde arderam 106 ha, tivemos a oportunidade de ajudar um produtor de ovelhas nosso parceiro a controlar as 400 cabeças que estavam a pastar num terreno isolado da aldeia e que acabaram por ficar cercadas pelas chamas. Também temos ajudado alguns



proprietários e criadores de gado a aceder e candidatar-se a medidas compensatórias após os incêndios”.

Além disso, esta equipa tem sido também responsável por dar formação e coordenar um programa de voluntariado de vigilância de incêndios ao longo de todo o verão. Este programa de voluntariado foi realizado na área rewilding do Ermo das Águias, uma área de risco elevado de incêndio e com um histórico de incêndios frequentes. Este programa operou durante 22 semanas e contou com a participação de 16 voluntários durante esse período.

Durante essas semanas, o incêndio mais próximo da área foi o incêndio de Cinco Vilas, que deflagrou durante a noite e no qual arderam 120 ha. Neste caso é importante realçar a especial participação do voluntário Ricardo Vicente, que detetou o fogo numa fase inicial, o que permitiu a deslocação atempada da equipa da Rewilding Portugal ao Ermo das Águias para avaliar a situação. Este programa de voluntariado será novamente realizado em 2023, sendo que as inscrições para o mesmo deverão abrir em abril de 2023.

A equipa de vigilância tem tido ainda um papel importante no levantamento de áreas ardidas e no desenvolvimento de um plano de emergência de incêndios para as áreas rewilding geridas pela Rewilding Portugal, de forma a



capacitar a equipa para possíveis incidentes desta natureza e a ter um conhecimento mais aprofundado do território e do seu estado atual.

Um trabalho de acompanhamento muito próximo do território e dos seus constituintes que se tem revelado de extrema importância na defesa da paisagem e da sua biodiversidade, assim como das comunidades envolventes, e que vai continuar a ser desenvolvido pela Rewilding Portugal nos próximos anos.



Entrevista com Paulo Paixão

Técnico da FENCAÇA

A COLABORAÇÃO COM TODAS AS FORÇAS PRESENTES NO TERRITÓRIO É UMA DAS CHAVES PARA O SUCESSO DAS INICIATIVAS DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA. POR ISSO MESMO, A ABORDAGEM DE REWILDING PRIVILEGIA ESTAS SINERGIAS, ACREDITANDO QUE EXISTEM CONSENSOS QUE A TODOS BENEFICIAM E QUE PODEM TRAZER MELHORIAS A LONGO PRAZO E GARANTIR O RESTAURO ECOLÓGICO DA PAISAGEM. EM ENTREVISTA, O TÉCNICO DA FENCAÇA ABORDA O TEMA DA COEXISTÊNCIA, BOAS PRÁTICAS CINEGÉTICAS E OS ENTENDIMENTOS COM A REWILDING PORTUGAL.

A FENCAÇA é a Federação Portuguesa de Caça. Quais os principais objetivos da entidade e quais têm sido os principais desafios nos últimos anos?

A FENCAÇA surgiu em 10 de outubro de 1992. Esta federação veio encetar uma luta pelo ordenamento cinegético, mas sobretudo pela defesa do associativismo como forma de gestão de zonas de caça, afirmando-se pela positiva, sendo o reflexo do trabalho demonstrado por todos os caçadores dos terrenos ordenados, contra aqueles que só defendiam a anarquia e a desordem. À medida que fomos atingindo esse grande objetivo fomos criando novas perspetivas para o sector cinegético e fomos ampliando os nossos horizontes, tendo agora como objetivo a melhoria dos aspetos qualitativos de gestão de zonas de caça, conservação de habitats, formação dos caçadores e o fomento de atividades desportivas ligadas à caça, como forma de aliviar a pressão cinegética sobre as espécies selvagens.

Quais as principais funções do Paulo na FENCAÇA?

Eu sou o técnico da região centro de Portugal, responsável pelo acompanhamento dos nossos Associados. Desenvolvo todos os projetos de ordenamento e gestão cinegética e piscícola da minha região. Organizo e participo em eventos cinegéticos, como feiras de caça ou colóquios. Sou também o responsável Nacional pelo Campeonato de Santo Huberto, modalidade desportiva. No âmbito desta modalidade, são realizadas provas pelos caçadores com cães de parar e estas consistem em avaliar a prestação do caçador e do cão de parar. Os seus principais objetivos num quadro de respeito pela natureza e pela ecologia são: promover o espírito desportivo do caçador e formá-lo na correta prática do ato cinegético, tendo em consideração os aspetos técnicos legais e cívicos.

A Rewilding Portugal tem estado a trabalhar com caçadores e zonas de caça associativas dos distritos da Guarda e Viseu desde 2019. Do ponto de vista do Paulo, considera que isso tem sido uma mais valia para as zonas da caça da região?

Todo o trabalho desenvolvido em prol da conservação e das boas práticas com a fauna selvagem são bem-vindas e de excelente enquadramento, no desenrolar das ações preconizadas pelas entidades gestoras de zonas de caça. No meu ponto de vista o facto de haver um bom relacionamento entre entidades que têm como objetivo a conservação de habitat, trará sempre mais valias para ambos. Considero que o apoio que a Rewilding Portugal pode dar com o conhecimento específico e científico de espécies não cinegéticas, pode favorecer a boa gestão no desenvolvimento de toda a fauna e no equilíbrio de ecossistemas.





O furtivismo é uma ameaça à vida selvagem nesta região. Qual considera ser o papel da FENCAÇA e dos gestores cinegéticos para mitigar e reduzir esta ameaça no território?

A forma do furtivismo que mais acontece na nossa região, e que pode trazer alguma ameaça à vida selvagem de uma forma mais abrangente, é a utilização dos laços, método não seletivo que captura todos os animais que nele fiquem presos, tanto pode ficar o javali, para o qual é colocado o dito laço, como pode ficar um lobo, um corço, um cão, etc. A nível interno da nossa Organização temos feito muitos alertas para as Associações/ Clubes, para que possam denunciar e rejeitar a utilização desse tipo de armadilhas.

Qual o maior desafio neste momento no que toca à coexistência com o lobo-ibérico?

No nosso ponto de vista, a coexistência entre o Caçador e o Lobo é completamente pacífica. O maior entrave à coexistência com o lobo são os prejuízos causados na pecuária, não nas espécies cinegéticas. O que muitas vezes acontece é que os prejuízos causados no gado são refletidos na comunidade em geral, podendo causar esta revolta a vontade de eliminar o potencial causador dos prejuízos. Isto advém das demoras nos pagamentos dos devidos prejuízos e nos baixos valores pagos. Muitas vezes é apontada a culpa da eliminação do lobo aos caçadores, contudo não há motivo evidente nem coerente para essa razão.

Como é que os caçadores com boas práticas podem contribuir para a conservação da natureza?

A conservação da natureza é feita diariamente pelas entidades gestoras de Zonas de Caça. Com a diminuição da agricultura e o aumento dos espaços abandonados, a biodiversidade tem tendência a uma drástica diminuição. As Associações/ Clubes nas suas áreas de intervenção,

executam anualmente benfeitorias para o desenvolvimento e manutenção das espécies de fauna nacionais, tais como a colocação de comedouros e bebedouros nos espaços naturais, a desmatação de áreas que antigamente eram áreas agrícolas, e sementeiras realizadas exclusivamente para a utilização das espécies de fauna. Para além disso também se constituem áreas de interdição à caça (existentes em grande número) criadas pelas entidades gestoras, que mantêm e potencializam a diversidade da fauna. Fazem-se libertações de espécies, como coelhos, perdizes, corços, veados, gamos etc., suportando enormes encargos financeiros e elevadíssimas cargas burocráticas. Finalmente, também se fazem recuperações de espaços degradados - por incêndios, pedreiras, saibreiras, etc. Os caçadores são dos mais interessados em que o equilíbrio entre espécies exista e se potencialize. Neste momento poderemos é perguntar: como é que mais alguém pode colaborar com as Associações / Clubes de Caçadores a fazer conservação da Natureza?

No futuro, o que é que gostaria de ver acontecer aqui na região, a nível da coexistência entre a caça e a conservação da natureza e restauro ecológico do Grande Vale do Côa?

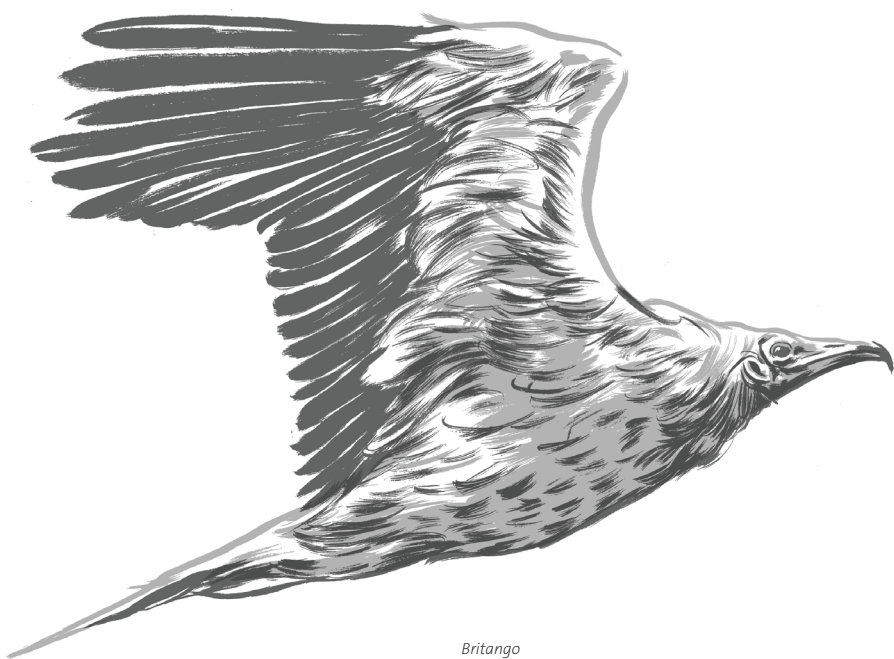
Seria muito interessante a constituição de zonas de caça turísticas (ZCT) ao longo de todo o Grande Vale do Côa. Seria uma forma de ordenamento mais específica, na qual se poderia ter um controlo mais próximo dos habitats e das espécies existentes e as suas interligações específicas.

A constituição destas ZCT traria unidades específicas de gestão, onde seria feita uma orientação do ato venatório para o equilíbrio entre as populações de espécies existentes, prezando o abate controlado e especificamente orientado para o troféu no caso de espécies de caça maior.



Ribeira do Mosteiro

Poiares, Freixo-de-Espada-à-Cinta



Britango

Situado junto à margem norte do rio Douro, o vale da Ribeira do Mosteiro é um dos locais mais emblemáticos do Parque Natural do Douro Internacional, albergando um formidável património geológico, biológico e cultural. Neste vale acidentado, é possível observar formações rochosas únicas e percorrer a famosa Calçada de Alpajares, um caminho ancestral ao longo do qual se evidenciam marcas da presença humana e da sua convivência com a natureza que remontam ao Paleolítico.

Após milénios de alterações no ecossistema causadas pela atividade humana, uma grande parte do vale encontra-se atualmente em processo de renaturalização, com antigos olivais e amendoais a serem preenchidos por azinheiras, zimbros, cornalheiras e outras árvores e arbustos que compõem a floresta mediterrânica original da região. As escarpas que delimitam a paisagem são local de nidificação de aves ameaçadas como o britango, o falcão-peregrino, o chasco-preto, e também do sempre presente grifo. As dramáticas fendas e dobras no xisto albergam numerosas colónias de morcegos e de vegetação rupícola. No fundo do vale, a ribeira do Mosteiro e os seus afluentes combatem a aridez das encostas e permitem a existência de uma grande riqueza florística e de vários exemplares de árvores centenárias.

Nesta área, o trabalho da Rewilding Portugal foca-se em assegurar e facilitar o processo de renaturalização da paisagem, conciliando as práticas agrícolas ainda existentes com a biodiversidade, e reduzindo o risco de grandes incêndios, umas das principais ameaças à biodiversidade da Ribeira do Mosteiro.



Biodiversidade em números

NA RIBEIRA DO MOSTEIRO FORAM REALIZADAS ATÉ AO MOMENTO AMOSTRAGENS FOCADAS NO LEVANTAMENTO DE ANIMAIS VERTEBRADOS, INSETOS E PLANTAS DE GRANDE PORTE.



VERTEBRADOS

129 espécies

- 8 de peixes
- 7 de anfíbios
- 10 de répteis
- 90 de aves
- 14 de mamíferos



INSETOS

246 espécies

- 68 de borboletas e traças
- 48 de escaravelhos
- 43 de abelhas, vespas e formigas
- 14 de libélulas e libelinhas



PLANTAS

49 espécies

- 33 de árvores e arbustos

ESPÉCIES AMEAÇADAS A NÍVEL NACIONAL

9 espécies, nomeadamente chasco-preto (*Oenanthe leucura*) e morcego-de-ferradura-pequeno (*Rhinolophus hipposideros*)

ESPÉCIES AMEAÇADAS A NÍVEL INTERNACIONAL

5 espécies, nomeadamente britango (*Neophron percnopterus*) e verdemã-do-norte (*Cobitis calderoni*)

ENDEMISMOS IBÉRICOS

13 espécies, nomeadamente sapo-parteiro-ibérico (*Alytes cisternassi*) e cobra-de-água-de-colar-ibérica (*Natrix astreptophora*)

PRINCIPAIS AÇÕES DE GESTÃO E RENATURALIZAÇÃO

- » Monitorização e promoção do processo de renaturalização em 286 ha de terreno, incluindo abdicação de 10 ha de área agrícola pouco produtiva.
- » Conversão de 46 ha de área agrícola produtiva para modo biológico.
- » Construção de 2 charcos e adaptação de 7 meios aquáticos artificiais para uso seguro pela vida selvagem.
- » Criação de um viveiro florestal com sementes nativas locais para apoio a ações de reflorestação.
- » Reflorestação de 3,5 ha com 950 árvores e arbustos nativos.
- » Desmatações seletivas e restauro de 5 ha de prados.
- » Controlo de 1,5 ha de vegetação invasora.
- » Remoção de lixo em 6,3 ha.

Monitorização de aves necrófagas no Grande Vale do Côa

A REWILDING PORTUGAL TEM VINDO A SEGUIR AS POPULAÇÕES DE AVES NECRÓFAGAS NO GRANDE VALE DO CÔA E TAMBÉM NA SERRA DA MALCATA, LOCAIS DE EXCELÊNCIA PARA A SUA NIDIFICAÇÃO. TAL TEM SIDO FEITO ATRAVÉS DA OBSERVAÇÃO DIRETA DE FRAGAS E NINHOS E TAMBÉM POR SEGUIMENTO GPS.

O Grande Vale do Côa é um local de excelência para a nidificação de grifos e outras rupícolas, não só pela disponibilidade de habitat de nidificação (escarpas e fragas) em zonas com pouca perturbação, como também pela disponibilidade de alimento em Portugal e Espanha. As maiores populações de necrófagas do país estão distribuídas entre o Tejo e o Douro internacional. O Grande Vale do Côa serve portanto como um corredor ecológico que liga estas populações de Sul a Norte mas também conecta as populações nidificantes de Portugal e Espanha ao longo da fronteira de Oeste para Este.

O mesmo acontece na Serra da Malcata com os abutres-pretos, já que com o crescimento da colónia presente na Serra da Gata, os novos casais que se formam têm de procurar novos territórios, chegando assim ao lado português, na Serra da Malcata. Esta área protegida oferece condições únicas para a nidificação desta espécie, pois tem muitas árvores de grande porte em vales com declives acentuados e sem perturbação humana, zonas de eleição para a nidificação de abutres-pretos.

O acompanhamento de aves por GPS tem ajudado a Rewilding Portugal a perceber a ecologia de grifos e abutres-pretos. Permite à equipa conhecer o uso que fazem das áreas protegidas e da Rede Natura 2000 e identificar as zonas mais importantes de alimentação, nidificação e também de descanso e abeberamento.

Esta informação é imprescindível para a conservação destas espécies, nomeadamente na proteção de colónias reprodutoras e no aumento de disponibilidade alimentar, através da implementação e licenciamento de Áreas Privadas de Alimentação de Aves Necrófagas, onde cadáveres de gado ficam disponíveis para os abutres em explorações pecuárias, ao invés de serem enterados ou recolhidos (previsto no PACAN – Plano de ação para a conservação de aves necrófagas, aprovado em agosto de 2019).

A marcação de um abutre-preto juvenil com GPS na Serra da Malcata permitiu à Rewilding

Portugal descobrir um ninho novo. Desde a descoberta desse ninho, em finais de 2021, foram já confirmados outros três ninhos ocupados por casais reprodutores e muitas outras plataformas naturais construídas por estes animais. Entre 2021 e 2022 nasceram pelo menos cinco abutres-pretos na Serra da Malcata. O número real deverá ser ainda maior, já que o esforço de monitorização a nível nacional pelas várias entidades responsáveis não foi ajustado nesse período à grande extensão da área.

Estes ninhos são apenas o início, como conta Pedro Ribeiro, biólogo da Rewilding Portugal. “Em 2021, quando identifiquei os primeiros ninhos, rapidamente me apercebi que o número regular de casais e indivíduos presentes na Malcata apontava para uma colónia grande e saudável. Até agora só consegui explorar o core deste núcleo, onde já encontrei quase uma dezena de ninhos naturais. Muitos outros estarão por encontrar noutras zonas da Malcata com presença igualmente regular de casais de abutre-preto”, revela.





AGATA RUCIN

Os grifos têm vindo também a aumentar em número e a alargar a sua distribuição, de forma muito mais rápida do que os abutres-pretos. Na zona sul da ZPE do Côa a Rewilding Portugal identificou cerca de 30 ninhos em várias colónias, um aumento de 67% desde a última monitorização. Este aumento cria competição com outras espécies rupícolas mais solitárias, como a Águia-real e o Bufo-real. Estas espécies continuam a manter os seus territórios mas foram obrigadas a abandonar os seus ninhos históricos pela sua ocupação por parte dos gri-

fos. A presença dos casais no território indica que continuam a reproduzir-se, mas noutros ninhos que ainda não foram identificados.

O aumento dos grifos vai para além do Grande Vale do Côa, já que em Portugal, a nível nacional e no período de 1999 a 2018, as populações aumentaram 325%, segundo o último censo nacional coordenado pela SPEA e pelo ICNF. Este aumento também é verificado na Serra da Malcata, onde em 2022, a Rewilding Portugal confirmou mais uma colónia com sete ninhos ocupados.

O aumento das populações de grandes aves necrófagas são excelentes notícias, não só para as próprias espécies, como para todo o ecossistema que se torna muito mais funcional e com uma equipa de limpeza mais eficaz.



AGATA RUCIN



AGATA RUCIN

Monitorização de fungos nas áreas rewilding

OS FUNGOS SÃO POSSIVELMENTE OS ORGANISMOS COM MAIOR IMPORTÂNCIA PARA OS ECOSISTEMAS E PARA A NOSSA VIDA, SOBRE OS QUAIS SABEMOS MENOS. ELES SÃO OS PRINCIPAIS DECOMPOSITORES DA MAIOR PARTE DOS ECOSISTEMAS TERRESTRES, RECICLANDO MATÉRIA ORGÂNICA SOBRE AS MAIS VARIADAS FORMAS, DESDE MADEIRA MORTA A CADÁVERES DE ANIMAIS, E PERMITINDO QUE O CICLO DE NUTRIENTES CONTINUE A FUNCIONAR. CRIAM SOLOS E FORMAM SIMBIOSSES COM OUTROS ORGANISMOS, PRINCIPALMENTE PLANTAS, E QUE DE FORMA QUASE INVISÍVEL PERMITEM A EXISTÊNCIA DE FLORESTAS SAUDÁVEIS. ENTRE VÁRIOS OUTROS PAPÉIS, OS FUNGOS TÊM SIDO TAMBÉM UMA IMPORTANTE FONTE DE MEDICINA E ALIMENTO PARA O SER HUMANO.

À semelhança de outras regiões da Europa, o Vale do Côa tem uma forte cultura de recolha e uso de cogumelos, no entanto estes conhecimentos centram-se nas espécies com maior valor gastronómico como os boletos (*Boletus spp.*), tortulhos (*Macrolepiota procera*) e mísaros (*Tricholoma spp.*), tendo passado a maior parte das outras espécies de forma mais ou menos despercebida tanto na cultura popular, como em termos de conhecimento científico sobre áreas de distribuição e abundâncias.

Graças a uma feliz coincidência, este ano foi possível fazer um primeiro levantamento de fungos nas áreas rewilding. João Silva e Ricardo Vicente vieram até ao Grande Vale do Côa para participar como voluntários no nosso programa de vigilância de incêndios. No entanto, após um verão extremamente seco e quente, seguiu-se um início de outono chuvoso, o que eliminou o risco de fogos na paisagem. Sendo os últimos voluntários da temporada e chegando numa semana particularmente húmida, ponderámos de que outras formas João e Ricardo poderiam ajudar-nos durante a sua estadia no Centro Rewilding. Inesperadamente, descobrimos o grande conhecimento e experiência de João Silva em

micologia, a ciência que estuda os fungos. Assim ficou decidido que durante as semanas seguintes estes voluntários iriam conhecer as áreas rewilding do Ermo das Águias, Vale Carapito e Paul de Toirões, e documentar todas as espécies de fungos que conseguissem descobrir e identificar.

João e Ricardo percorreram vários habitats do Vale do Côa, desde carvalhais e matagais, a florestas ribeirinhas, prados e lameiros. Como resultado, foi possível confirmar a presença de pelo menos 104 espécies de fungos, correspondendo a maior partes delas a fungos que produzem corpos de frutificação, os cogumelos, mas também de espécies que formam líquenes (consociação entre um fungo e uma alga) e revestem as rochas e troncos de árvores destes locais. Várias destas observações correspondem a espécies pouco comuns e sobre as quais existe pouca informação a nível nacional. Destaca-se por exemplo a presença de *Protostrongylaria luteonitens* no Ermo das Águias, o primeiro registo confirmado em Portugal. Esta é uma espécie rara, saprófita (que decompõem matéria orgânica morta) e por vezes coprófita (que decompõem excrementos), cujo cogumelo se pode observar em áreas com detritos lenhosos e pastagens. Outro registo interessante, este no Vale Carapito, foi o de *Deconica montana*, uma espécie de zonas frias que aparece associada a superfícies com musgo, tendo sido anteriormente observada no nosso país apenas em regiões mais a norte ou com maior altitude.

Vários exemplares encontrados aguardam ainda identificação através de microscopia dos esporos que será feita nos próximos tempos assim como a publicação científica destes dados, mas é aparente que existe ainda muito para descobrir acerca da diversidade micológica do Grande Vale do Côa.





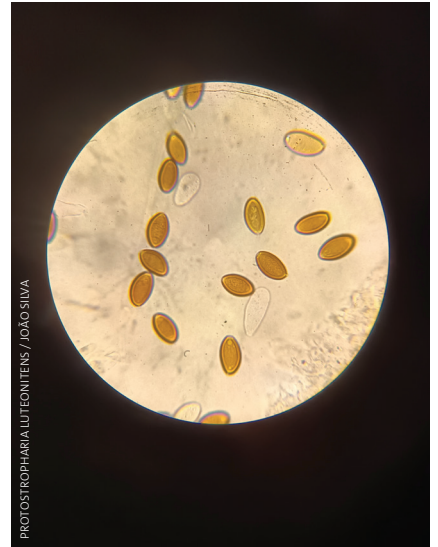
PROTOSTROPHARIA LUTEONITENS / JOAO SILVA



PROTOSTROPHARIA LUTEONITENS / JOAO SILVA



ANTONIO COELHO



PROTOSTROPHARIA LUTEONITENS / JOAO SILVA



ISABELLE CHALANTON



MIGUEL VEIGA



HUGO AMADOR



CLAUDIA PAULO



JOAO LELO



PROTOSTROPHARIA LUTEONITENS / JOAO SILVA



PEDRO LEMOS

Entrevista com Marco Ferraz



PARA QUEM VEM CONHECER O GRANDE VALE DO CÔA E OS NOSSOS PROJETOS DE REWILDING, NÃO HÁ MELHOR PORTA DE ENTRADA DO QUE UMA VERDADEIRA “VIAGEM AO PASSADO” ATRAVÉS DAS GRAVURAS RUPESTRES QUE O PALEOLÍTICO NOS DEIXOU. O MARCO FERRAZ É O MELHOR ANFITRIÃO PARA ESSA VIAGEM. GUIA EXPERIENTE NESTAS ANDANÇAS DA AMBIEDUCA E MEMBRO DA REDE CÔA SELVAGEM, GERINDO TAMBÉM AS CASAS DE VILLAR PARA ALOJAMENTO.

Apresenta-nos melhor os teus dois projetos de turismo que desenvolves no Grande Vale do Côa, a Ambieduca e as Casas de Villar.

A AMBIEDUCA é uma marca de animação turística que tem como principal objetivo criar atividades prazerosas de contacto com a Natureza e com o Património. Uma das áreas em que atua é dentro do Parque Arqueológico do Vale do Côa, Património da Humanidade pela UNESCO desde 1998, onde é um operador autorizado a visitar os três núcleos de arte rupestre que estão abertos ao público. A visita noturna ao núcleo da Penascosa é sem dúvida um dos pontos altos da visita ao Parque, uma verdadeira viagem ao tempo dos caçadores recolectores do Vale do Côa, onde podemos ver in loco cavalos selvagens, cabras montesas, veados, auroques, entre outros animais gravados na rocha. Outra área de atuação é o turismo de natureza dentro da Zona de Proteção Especial do Vale do Côa e do Parque Natural do Douro Internacional. As caminhadas interpretativas ou os safaris em veículos todo-o-

terreno permitem observar aves, procurar rastros e vestígios de outros animais e compreender a natureza, criando vínculos afetivos que levam o público a compreender melhor as ações de conservação e restauro ecológico que estão a ser implementadas. Já as “CASAS DE VILLAR” situadas na aldeia de Vilar de Amargo, em Figueira de Castelo Rodrigo, são casas de aldeia com muito charme, ideais para desfrutar de momentos únicos numa aldeia rural autêntica do Douro Superior e onde se escuta o silêncio em comunhão com a música das aves e dos rebanhos que atravessam a aldeia e dão o tom perfeito para uma estadia inesquecível! Estão localizadas na entrada sudoeste do Parque Natural do Douro Internacional e da Região Vinhateira do Douro Superior, a apenas a 15 minutos do Parque Arqueológico do Vale do Côa (sítio UNESCO) e do Grande Vale do Côa. As “Casas de Villar” são o ponto de partida ideal para quem quer descobrir e sentir o imenso património natural, arqueológico, cultural e gastronómico da região.

Vieste viver para esta região e acabaste por te fixar por cá e começar cá a tua atividade a nível individual depois de outros projetos profissionais. O que te fez apaixonar por esta região e por este território?

Eu vivia no Porto e na verdade o que me levou a vir para este território foram as origens da minha esposa em Vila Nova de Foz Côa. Queria um refúgio no campo, longe do ruído da cidade e por isso procurei uma ruína para reabilitar numa aldeia pitoresca da região para proporcionar ao meu filho o contacto com as origens, com a Terra e com a Natureza. Encontrei em Vilar de Amargo, uma aldeia pitoresca de pastores que pertence a Figueira de Castelo Rodrigo e está estrategicamente localizada entre o Grande Vale do Côa, o Parque Arqueológico do Vale do Côa e o Parque Natural do Douro Internacional. Na verdade, foi amor à primeira vista: a paisagem, a natureza selvagem, as gentes, o património cultural entre parceiros também é vantajoso pois ficamos mais despertos para eventuais oportunidades que possam surgir.

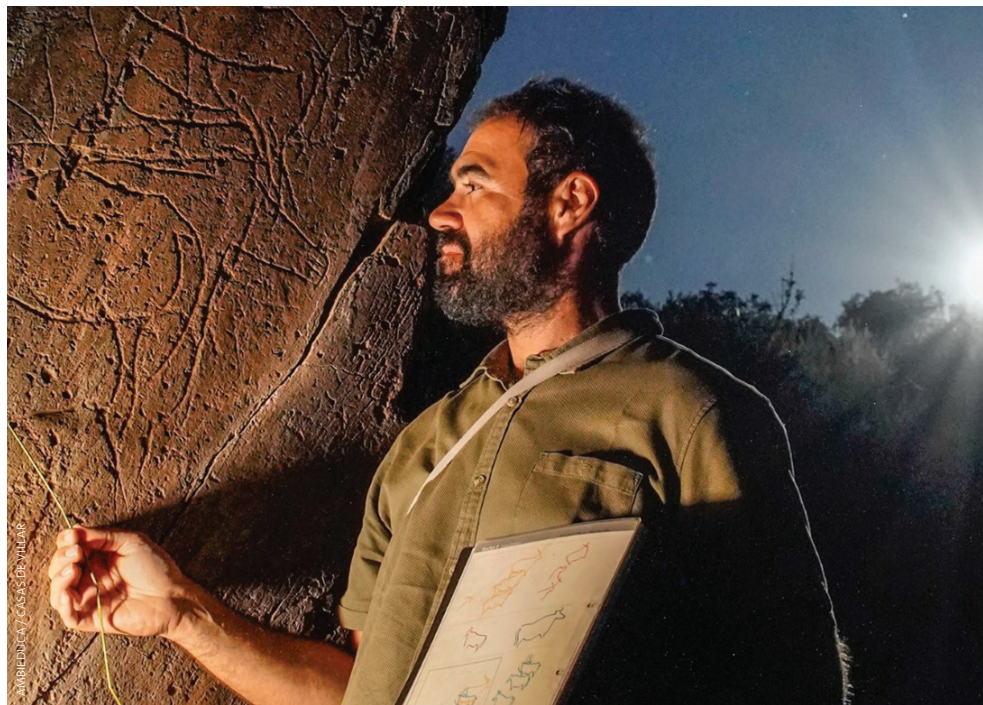
Como olhas para a crescente colaboração que vens desenvolvendo com a Rewilding Portugal e para as muitas visitas que fizeste este ano de 2022 nesse âmbito?

Sem dúvida que é muito positivo ter a Rewilding Portugal como parceiro estratégico, pois tem contribuído para a divulgação dos meus projetos, mas também com a requisição de serviços direta ou indiretamente, recomendando os meus serviços, e isso traduz-se no aumento das vendas. Sem dúvida que esta é uma forma importante de apoiar, pois desta forma estamos a gerar valor no território e a contribuir para uma nova economia, com pessoas e projetos que respeitem os princípios rewilding e que estejam empenhados na promoção e divulgação destes princípios. Para além disso, a Rewilding Portugal tem dado apoio à minha formação enquanto “Guia de Natureza e Anfitrião”, o que vai culminar já em janeiro de 2023 com participação no nível 3 do programa de Treino em Turismo da Rewilding Europe nos Apeninos Centrais, em Itália, contribuindo desta forma para melhorar as minhas competências.

Entusiasmado para começar a fazer visitas guiadas em áreas rewilding como o Ermo das Águias? Quais são os teus planos para as mesmas? O que já podes desvendar aos leitores?

Na verdade, e depois de visitar a área, irei lançar já em 2023 a Caminhada Guiada “No trilho do Cavalo Selvagem”, na área rewilding do Ermo das Águias. Uma caminhada belíssima que dará aos visitantes a possibilidade de desfrutarem de uma caminhada interpretativa, ou seja, que lhes permite conectarem-se com o ambiente natural, compreender o que está a ser feito para tornar a

área ainda mais selvagem e que culmina com a possível observação de belíssimos exemplares de Cavalos Sorraias em liberdade, descendentes diretos dos cavalos selvagens que foram monumentalizados pelos nossos antepassados há 25 mil anos nas gravuras do Côa e que estão a voltar ao Vale do Côa, contribuindo positivamente para a biodiversidade e bio abundância no Grande Vale do Côa. Sem dúvida uma experiência que não vai querer perder em 2023!





Paul de Toirões

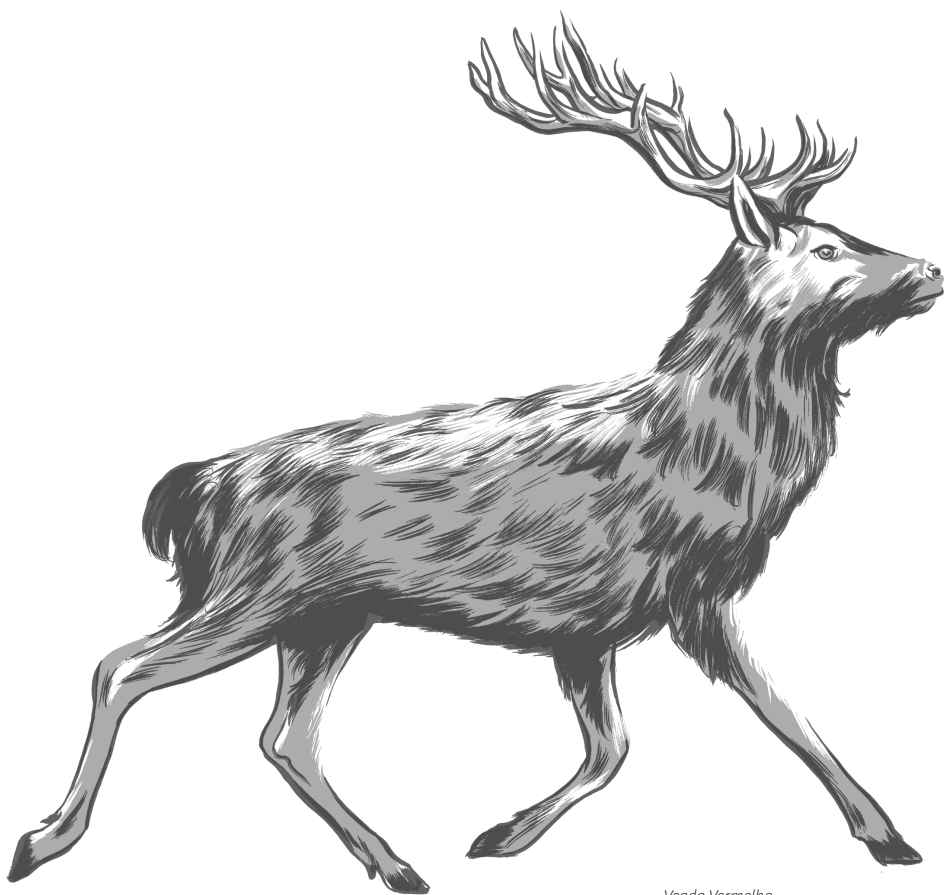
Malhada Sorda, Almeida

Anteriormente conhecida como Quinta de Santa Margarida, a mais recente área a ser gerida pela Rewilding Portugal recebeu também um novo nome, Paul de Toirões, que ilustra o futuro envisioned para estas terras no limite este do

Vale do Côa, junto à fronteira com Espanha.

A exploração mineira, entretanto cessada há quase uma década, originou uma das maiores superfícies de água em todo o Vale do Côa, e ao contrário do que acontece nas barragens e albufeiras da região, esta água encontra-se distribuída numa grande diversidade de ambientes como lagoas, canais, charcos permanentes e temporários, interligados por zonas húmidas sazonalmente alagadas e repletas de vegetação aquática e ribeirinha que cresce sobre as antigas zonas de extração de volfrâmio e inertes. Em redor de toda esta água, uma floresta jovem, mas extensa, ocupa o terreno plano, composta principalmente por carvalho-negral, azinheira e cipreste. Esta área apresenta já uma elevada importância para a biodiversidade, com ricas comunidades de flora e fauna aquática, destacando a presença do belo cágado-de-carapaça-estriada e da cegonha-preta, que se alimenta e refugia aqui regularmente.

Algumas das primeiras medidas de gestão previstas para o Paul de Toirões são a intervenção com movimentação nas zonas de minério mais recentes, suavizando alguns declives, facilitando o acesso e reduzindo o risco para a vida selvagem, e aumentando a área de alagamento, e também a diversificação da floresta com espécies nativas. Num futuro condicionado pelas alterações climáticas, o Paul de Toirões poderá funcionar como um oásis para a vida selvagem no Grande Vale do Côa, garantindo a permanência e o regresso de muitas espécies essenciais ao ecossistema, e demonstrar como o rewilding pode ser uma solução viável até nas paisagens mais alteradas pelo ser humano.



Veado Vermelho



AGATA RUDN

Biodiversidade em números

AO LONGO DESTA ANO FOI POSSÍVEL REALIZAR ALGUMAS AMOSTRAGENS PRELIMINARES DE BIODIVERSIDADE DE ANIMAIS E PLANTAS NA MAIS RECENTE ÁREA REWILDING. PARA ALÉM DISSO FOI TAMBÉM REALIZADO O PRIMEIRO LEVANTAMENTO DE FUNGOS. AO LONGO DO PRÓXIMO ANO SERÁ REALIZADO O PRIMEIRO LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DE FAUNA VERTEBRADA ASSIM COMO VÁRIOS OUTROS ESTUDOS.



VERTEBRADOS

133 espécies

- 1 de peixe
- 4 de anfíbios
- 3 de répteis
- 115 de aves
- 10 de mamíferos



PLANTAS

12 espécies

- 12 de árvores e arbustos



FUNGOS

40 espécies

ESPÉCIES AMEAÇADAS DE VERTEBRADOS A NÍVEL NACIONAL

7 espécies, nomeadamente cegonha-preta (*Ciconia nigra*) e cágado-de-carapaça-estriada (*Emys orbicularis*)

ESPÉCIES AMEAÇADAS DE VERTEBRADOS A NÍVEL INTERNACIONAL

11 espécies, nomeadamente rata-de-água (*Arvicola sapidus*) e sapo-de-unha-negra (*Pelobates cultripes*)

ENDEMISMOS IBÉRICOS

2 espécies, nomeadamente lebre-ibérica (*Lepus granatensis*) e tritão-de-ventre-laranja (*Lissotriton boscai*)



CEGONHA-PRETA (*CICONIA NIGRA*)
BLUE NOMADS / REWILDING EUROPE



CÁGADO-DE-CARAPAÇA-ESTRIADA (*EMYS ORBICULARIS*)
ANDRÉ GOITO



VEADO-VERMELHO (*CERVUS ELAPHUS*)
CANVA / IMAGEM DE DOMÍNIO PÚBLICO

PRINCIPAIS AÇÕES DE GESTÃO E RENATURALIZAÇÃO

- » Planeamento e ações preparatórias para o restauro ecológico das massas de água criadas durante a atividade mineira.
- » Análise de ADN ambiental para levantamento de biodiversidade aquática.
- » Início dos trabalhos de suavização das margens e para aumentar a área de alagamento.



ANDONI CANELA

Encontro Transfronteiriço sobre monitorização de lobo-ibérico

A REWILDING PORTUGAL TRABALHA HÁ VÁRIOS ANOS NA CONSERVAÇÃO DO LOBO-IBÉRICO A SUL DO RIO DOURO. EM JUNHO DE 2022 REALIZOU-SE NA GUARDA UMA MESA REDONDA TRANSFRONTEIRIÇA SOBRE OS ESFORÇOS DE MONITORIZAÇÃO DESTA ESPÉCIE AMEAÇADA, QUE REUNIU ATORES CHAVE PARA DEFINIR COMO SE PODE AUMENTAR E POTENCIAR A COLABORAÇÃO PARA O ESTUDO DO ESTADO E TENDÊNCIA POPULACIONAL DA ESPÉCIE.

O lobo-ibérico é uma espécie em risco de extinção em Portugal, cuja subpopulação a sul do Rio Douro se encontra altamente fragmentada e que conta com um número reduzido de indivíduos. A monitorização da espécie é por isso crucial para conhecer as tendências populacionais e definir áreas prioritárias de conservação para a espécie. No entanto, as baixas densidades em que o lobo ocorre em muitas áreas a sul do Douro tornam a monitorização mais desafiante.

A conectividade entre as alcateias portuguesas e espanholas de lobo-ibérico a sul do Rio Douro é muito limitada, o que compromete a viabilidade das alcateias portuguesas a longo prazo, tornando a partilha de informação e a colaboração na monitorização da espécie entre os dois países ainda mais importante.

A mesa redonda foi uma sessão de trabalho organizada pela Rewilding Portugal com entidades públicas e privadas responsáveis ou envolvidas na monitorização do lobo na zona fronteiriça a Sul do Rio Douro da qual resultaram conclusões práticas sobre a monitorização de lobo-ibérico, particularmente em áreas de baixa densidade e de expansão da espécie. O evento contou com a participação de entidades portuguesas e espanholas interessadas, nomeadamente autoridades nacionais/regionais, universidades e outras organizações relevantes. Entre as entidades presentes estiveram o ICNF, Junta de Castilla y León, e Junta de Extremadura, tal como outras entidades como o Grupo Lobo, Universidade de Aveiro, CIBIO, e Estação Biológica de Doñana, entre outros.



Após apresentações de várias entidades envolvidas na monitorização do lobo-ibérico de várias sessões de discussão e partilha de ideias, os participantes chegaram a um conjunto de conclusões sobre o papel da análise genética na monitorização de lobo-ibérico, critérios mínimos estandardizados de monitorização em áreas de baixa densidade populacional na Península Ibérica, e partilha de informação entre grupos e administrações.

Entre as conclusões da mesa redonda, os cães de deteção de indícios foram apontados como uma boa metodologia em áreas de baixa densidade, que podem servir para monitorizar várias espécies. Adicionalmente, a análise genética de dejetos foi considerada uma das melhores ferramentas disponíveis para confirmar presença de lobo, nestas áreas. A análise genética permite evitar sobrestimativas populacionais e o erro humano na identificação de dejetos, que pode atingir os 40-50% em áreas de baixa densidade.

A Rewilding Portugal tem vindo a recolher amostras genéticas de cadáveres de animais domésticos potencialmente predados pelo lobo, através de uma parceria com o ICNF. Estas amostras oferecem informação útil para avaliar ataques duvidosos em Portugal. Esta abordagem foi considerada uma boa prática que poderia ser replicável noutras áreas e que também proporciona informação de presença e distribuição de lobo.

Tendo em conta que não existe uma plataforma onde os genótipos existentes de lobo-ibérico estejam todos reunidos e disponíveis, foi sugerido que a criação de uma plataforma a nível Ibérico poderia ser uma mais valia, e poderia resultar de um acordo entre laboratórios, promovido e apoiado pelas entidades nacionais relevantes.



Outra das conclusões relevantes do evento foi a importância de existir cooperação entre Espanha e Portugal na conservação do lobo-ibérico. Um dos principais problemas identificados à partilha de informação a nível Ibérico é a falta de continuidade nas iniciativas que são criadas. Uma das opções propostas para lidar com esse problema foi a criação de um grupo técnico a nível ibérico. É importante existir um secretariado que assegure a parte logística deste tipo de grupo de trabalho. A criação deste grupo de trabalho será desenvolvida em próximos encontros deste grupo de trabalho.

O objetivo desta e de futuras reuniões é a criação de espaços regulares para o diálogo transfronteiriço sobre o lobo-ibérico. Enquanto a mesa redonda de 2022 se focou na monitorização da espécie, em 2023 será organizada uma mesa redonda que terá por tema a implementação e monitorização da eficácia de medidas de prevenção de prejuízos no gado e de promoção da coexistência com o lobo-ibérico.

A mesa redonda inseriu-se no âmbito do projeto LIFE WolFlux, cujo objetivo é garantir a viabilidade da subpopulação de lobo-ibérico a sul do rio Douro a longo-prazo, trabalhando as diferentes ameaças para reduzir as barreiras ecológicas e sociais à presença da espécie na região. Nas linhas de ação do projeto inclui-se promover uma coexistência positiva com a espécie e reduzir o impacto na pecuária, aumentar a disponibilidade de presas silvestres e desenvolver estratégias de valorização de produtos locais.





Restauro de habitats de zonas ardidas em território de lobo-ibérico

A REWILDING PORTUGAL REALIZOU AÇÕES DE RESTAURO DE HABITAT EM COLABORAÇÃO COM A JUNTA DE FREGUESIA DO TOURO E O CLUBE DE CAÇA E PESCA DE VILA NOVA DE PAIVA EM 16 HECTARES DE BALDIOS AFETADOS POR INCÊNDIOS PARA PROMOVER A REGENERAÇÃO DA FLORESTA AUTÓCTONE E A PRESENÇA DE ÁGUA NA PAISAGEM PARA BENEFÍCIO DA FAUNA SILVESTRE E DAS COMUNIDADES LOCAIS.

Em quase uma década, entre 2009 e 2018, 25% da área de distribuição do lobo-ibérico a sul do rio Douro, que compreende os distritos de Guarda, Viseu e as Serras de Arada e Freita em Aveiro, foi afetada por incêndios. Os incêndios destroem habitat de reprodução e refúgio de espécies silvestres e quando ocorrem em grandes extensões provocam a morte ou a deslocação de animais. Em áreas mais pobres ou naquelas onde os incêndios são mais recorrentes ou intensos, o banco de sementes pode ser afetado, reduzin-

do-se muito a diversidade de espécies que se encontram numa área e condicionando o desenvolvimento da floresta nativa. A paisagem fica congelada num estado dominado por mato contínuo muito inflamável, criando-se um círculo vicioso de vulnerabilidade ao fogo.

Nestas situações, o restauro ecológico pode ajudar a trazer de volta espécies ausentes e recuperar a diversidade da paisagem e os serviços que a natureza presta às comunidades locais que dela dependem. Com este objetivo, a Rewilding Portu-

gal completou no início de 2023 ações de restauro ecológico em colaboração com a Junta de Freguesia do Touro e o Clube de Caça e Pesca de Vila Nova de Paiva em 16 hectares de baldios afetados por incêndios recorrentes em 2008, 2009, 2010 e particularmente em 2012, o que empobreceu o banco de sementes e promoveu o crescimento homogêneo de mato, aumentando o risco de incêndios e reduzindo a capacidade da paisagem para reter água.

A zona restaurada faz parte do território de uma alcateia de lobo-ibérico e onde o corço, uma das presas mais importantes do lobo, está a voltar gradualmente. A área também é habitada por outras espécies como o coelho-bravo, o javali ou a perdiz e tem potencial para a nidificação de espécies como o bufo-real ou a águia-real. Para a população local, esta área é importante para atividades recreativas, cinegéticas, pecuárias e para a cultura popular.

As intervenções realizadas incluem 16 hectares desmatados para promover a regeneração de pastagens naturais e plantar bosquetes biodiversos de não mais de 5 hectares, compostos por 10 espécies diferentes de árvores e arbustos autóctones, para promover a implantação de floresta nativa que não estava a conseguir regenerar. Foram preferenciadas espécies autóctones de fruto que servem de alimento para aves e mamíferos, como carvalho-negral, medronheiro, castanheiro, azinheira, sobreiro, cerejeira-brava, bétula, pilriteiro, abrunheiro e cornalheira. Ao alimentar-se dos frutos, a fauna ajudará a dispersar as sementes e a expansão da floresta. Foi escolhida uma mistura de espécies mediterrâneas e atlânticas, adaptáveis ao clima mediterrâneo com influência oceânica da região e também algumas espécies de zonas mais áridas, preparando a paisagem para um cenário cada vez mais seco e quente devido às alterações climáticas.

Também foram criados cinco charcos para aumentar a retenção de água na paisagem e a presença permanente de água para benefício da fauna selvagem e da população, particularmente nos períodos mais secos.

As atividades de restauro inseriram-se no âmbito do projeto LIFE WolFlux, cujo objetivo é garantir a viabilidade da subpopulação de lobo-ibérico a sul do rio Douro a longo-prazo, trabalhando as diferentes ameaças para reduzir as barreiras ecológicas e sociais à presença da espécie na região. Nas linhas de ação do projeto inclui-se promover uma coexistência positiva com a espécie e reduzir o impacto na pecuária, aumentar a disponibilidade de presas silvestres e desenvolver estratégias de valorização de produtos locais.



Um ano de crescimento para a Rede Côa Selvagem

2022 FOI UM ANO DE CRESCIMENTO PARA O PROJETO DA REDE CÔA SELVAGEM, COM UMA LIGAÇÃO CADA VEZ MAIS ESTREITA ENTRE A REWILDING PORTUGAL E OS VÁRIOS MEMBROS, ASSIM COMO ESTES ENTRE SI, CADA VEZ MAIS UNIDOS EM SINERGIAS E OFERTAS CONJUNTAS. NO TOTAL, TEMOS AGORA 38 MEMBROS NESTA REDE ALARGADA, QUE PROCURA OFERECER SOLUÇÕES LOCAIS E BASEADAS NA NATUREZA PARA OS TURISTAS QUE VISITAM O GRANDE VALE DO CÔA, O LADO MAIS SELVAGEM DE PORTUGAL. ESTE ANO FICOU AINDA MARCADO PELO SURGIMENTO DE PRODUTORES REGIONAIS NESTA REDE, QUE TROUXERAM PRODUTOS LOCAIS E SUSTENTÁVEIS PARA A NOSSA OFERTA, PRODUTOS ESSES QUE JÁ PODEM SER ADQUIRIDOS NA LOJA ONLINE DA REWILDING PORTUGAL. NESTA MESMA LOJA, SURTIRÃO AO LONGO DE 2023 VOUCHERS DE OFERTA PARA EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS NA NATUREZA MUITO ESPECIAIS. CONHEÇA TODOS OS NOSSOS MEMBROS:

ALOJAMENTOS



VISITAÇÃO/OPERADORES TURÍSTICOS



RESTAURAÇÃO E PRODUTOS REGIONAIS





WILDLIFE PORTUGAL®

NATURE, PHOTOGRAPHY AND TOURISM

Venha conhecer o lado mais selvagem de Portugal

Abrigos fotográficos
Passeios fotográficos
Observação de aves
Percursos
Passeios 4x4



(+351) 918 068 872
info@wildlifeportugal.pt
wildlifeportugal.pt

Entrevista com o Chef Miguel Veiga

O CHEF MIGUEL VEIGA É UM DOS PARCEIROS MAIS ANTIGOS DA REWILDING PORTUGAL, TENDO JÁ REALIZADO SERVIÇOS DE CATERING EM DIVERSOS EVENTOS DA ORGANIZAÇÃO E FAZENDO JÁ PARTE DESTA GRANDE FAMÍLIA. RECENTEMENTE, TORNOU-SE TAMBÉM MEMBRO DA REDE CÔA SELVAGEM PARA ESTREITAR AINDA MAIS ESTA LIGAÇÃO E AUMENTAR AS SINERGIAS COM OUTROS MEMBROS.

Apresenta-nos o teu projeto de catering, assim como os vários produtos que tens neste momento disponíveis para venda ao público no âmbito da tua atividade.

Ora bem, o meu projeto “Chef Chez Toi” começou em 2008, quando comecei a fazer o meu próprio seitan, que se chamava “Seitan666” e era vendido em embalagens de aproximadamente 666gr. Entretanto, na mesma altura, começaram a ser feitos jantares de amigos, onde quase sempre cozinhava eu e foi após visitar Nova Iorque, onde fui ver uma escola de cozinha vegetariana, que fiquei com o bichinho de me profissionalizar nessa área da cozinha. Com a crise dessa altura, o preço do curso aumentou, o que me fez optar antes por regressar a Londres, onde já tinha morado antes e trabalhar em restaurantes vegetarianos para aprender o ofício a um nível mais profissional. Regressei a Portugal no verão de 2010 e em 2011 inscrevi-me num curso de cozinha de um ano, na Escola Superior de Turismo e Hotelaria, para atestar os meus conhecimentos na área da cozinha que tinha trazido de fora. O projeto surgiu então oficialmente aí e foi ganhando força com o passar do tempo. Neste momento sirvo refeições na nossa

Quinta das Vinte Quelhas, na Aldeia Viçosa, no Vale do Mondego, e também vou cozinhar a casa das pessoas que pedem. Tenho também serviço de takeaway semanais, com um pack de cinco refeições que podem ser congeladas e usadas depois e que podem ser levadas para o trabalho por exemplo. Criei também vários produtos únicos nos últimos anos: os sete veganBurgers; um caldo de ramen totalmente vegano, patés fermentados, granola caseira e produzo também diversos produtos hortícolas na quinta, pois acho que a comida deve ser sempre feita de acordo com a sazonalidade. Todos estes produtos estão disponíveis por encomenda. Além disso, dou workshops, faço serviços de caterings e casamentos, e ainda saídas de campo por altura dos cogumelos selvagens, um ingrediente que adoro e em relação ao qual procuro saber sempre mais.

Tens realizado inúmeros serviços de catering externos para a Rewilding Portugal, incluindo em grandes eventos. Como olhas para esta crescente colaboração?

Têm sido cada vez mais os eventos que tenho feito para a Rewilding Portugal e é algo que me deixa contente, em primeiro lugar porque é uma organização com a qual me identifico muito... Adoro a Natureza e acho que Portugal está longe de ter uma biodiversidade equilibrada, falta-nos muito a presença de fauna, nomeadamente de grandes herbívoros que possam auxiliar na “limpeza” da vegetação. Olho, portanto, para esta colaboração com bons olhos e muita felicidade pois fico a par das várias atividades e iniciativas que vão sendo feitas e fico extremamente contente de poder ter um pequeno papel nesta grande engrenagem, deixando as pessoas de barriga cheia e sorriso na cara com o que lhes vou servindo. Acho que uma ligação com os produtos endógenos da nossa área e a área onde a Rewilding trabalha, e alguém que os confeccione ou apresente numa refeição, é uma mais-valia tanto para a região, que se vai dando a conhecer “aquém e além-fronteira”, assim como para a economia local, pois quem vem de fora passa a palavra, podendo gerar mais e mais interesse em conhecer esta região do Interior.





Entretanto, entraste para a Rede Cõa Selvagem, tanto com o catering como com produtos alimentares. Como olhas para as mais valias que esta rede pode vir a trazer para o teu negócio?

Julgo que esta rede irá beneficiar-me a mim bem como a outros membros, pois é uma forma de dar a conhecer o que por aqui se faz quer seja em matéria de produtos endógenos, bem como de serviços. Não há melhor publicidade que a do passa-palavra e se alguém gostar do que levou daqui, irá certamente falar disso a outras pessoas, criando assim uma certa curiosidade nos outros e que poderá resultar em mais gente a querer experienciar essas mesmas vivências, trazendo-as cá e a consumir o que de bom por cá se produz.

Tens desenvolvido muito dos teus serviços utilizando as instalações do Centro Rewilding. Consideras este espaço uma mais-valia para a região? Porquê?

Sem dúvida que o Centro Rewilding de Vale de Madeira é uma mais-valia para a região, pois além de se encontrar perto de áreas geridas pela Rewilding Portugal e da bela praia fluvial no rio Cõa logo ali ao lado, está numa aldeia característica da região e com uma população envelhecida, algo comum pelo Interior de Portugal. Além disso, tem uma excelente localização geográfica! Está coladinho a Pinhel, a cidade Falcão com o seu castelo Medieval, uma boa zona vitivinícola, bons artesãos locais e ainda terra das famosas Cavacas. E fica perto de vários pontos históricos e especiais da região também: Trancoso, Moreira do Rei, Mêda, Marialva, Longroiva, Almeida, Guarda... Fica também bem perto do Douro e da foz do rio Cõa, com o seu mítico núcleo de gravuras rupestres que é sem dúvida um local mágico também. E está também em proximidade com o

Parque Natural da Serra da Estrela. Acho mesmo que o Centro Rewilding de Vale de Madeira é um excelente sítio para usar como “base de operações” para o turista ficar e explorar esta nossa região. Com o desenvolvimento deste espaço, podem desenvolver-se também pequenos negócios de vários quadrantes na região envolvente, o que pode ser uma inversão da tendência de que nestas aldeias só vive uma população envelhecida, pois cria-se novamente uma economia regional, agora baseada na natureza. Basta ver que: o pastor local tem agora cão de gado integrado pela Rewilding Portugal; que existem jovens da região que agora pertencem à patrulha de campo da organização, tendo esse papel fundamental na prevenção de incêndios; a dona do antigo café da aldeia a proporcionar-me vegetais da sua horta para eu servir... O rewilding cria vida, numa aldeia com muita pouca gente, com o turismo de natureza a ser um diamante em bruto nesta região.



Entrevista com Ana Varela

RECONHECIDA ATRIZ A NÍVEL NACIONAL, A ANA VARELA ESTEVE NO ÚLTIMO ANO NO GRANDE VALE DO CÔA COM A COLEGA E ATRIZ SARA PRATA, PARA JUNTAS CONHECEREM A REGIÃO E O TRABALHO DA REWILDING PORTUGAL. APAIXONOU-SE DE IMEDIATO PELO QUE VIU E CONHECEU E TEM SIDO UMA LIGAÇÃO QUE SE TEM ESTREITADO E QUE VAI TER UM NOVO CAPÍTULO MUITO IMPORTANTE ESTE ANO: A ANA VAI SER A VOZ NARRADORA DO NOVO DOCUMENTÁRIO QUE TEMOS EM PRODUÇÃO.

Como conhecestes a Rewilding Portugal e o que te fez suscitar interesse na organização e no trabalho que desenvolve?

Conheci a Rewilding Portugal na Circular 2021, um projeto da Reboot que assentava em quatro pilares (Materiais, Energia, Natureza e Transportes) e o Pedro Prata, diretor da Rewilding Portugal, apresentou este projeto de preservação de natureza e interessou-me bastante este novo conceito (confesso que foi a primeira vez que ouvi falar nele) de renaturalização dos ecossistemas, este rewilding. Trocámos contactos e ficou logo a curiosidade para conhecer mais de perto este projeto e se há coisa que gozo me dá é conhecer os projetos por dentro, o trabalho no terreno e ver os seus impactos e transformações que traz. E foi isso que aconteceu e que experienciei depois quando visitei os projetos no terreno.

Entretanto surgiu a oportunidade de conheceres “in loco” o Grande Vale do Côa e o trabalho que a Rewilding Portugal vem desenvolvendo nos últimos anos. Como foi a experiência? O que mais te entusiasmou ou fascinou?

Primeiro, toda esta ideia de ir à aventura e ir para o terreno conhecer o trabalho da organização. Fui com a Sara Prata (minha colega, amiga e irmã), cheias de vontade de descobrir e conhecer. E segundo, porque o fizemos quase como turistas, já que ao conhecer o projeto íamos

num modo “mostrem-nos o que está a acontecer aqui e os trabalhos que estão a desenvolver”. Foi muito interessante porque assistimos à libertação dos cavalos Sorraia em estado semisselvagem e percebemos o papel que este grande herbívoro tem na renaturalização destes espaços mas não foi só a beleza desse momento de libertação e da envolvimento, mas também foi muito bonito assistir a toda a envolvimento social local da população e da equipa da Rewilding neste projeto. E isso foi o que mais me ficou, a união que está a ser conseguida com o grande objetivo de preservar as paisagens daquela região. Essa união é muito bonita, e isso foi exatamente o que mais me entusiasmou e fascinou. O Homem quando quer consegue unir-se para produzir mudanças positivas nos ecossistemas, neste caso no Grande Vale do Côa.

Tiveste também a oportunidade de te cruzares e usufruïres dos serviços e produtos de vários parceiros da Rede Côa Selvagem. O que achas deste projeto de turismo à volta do rewilding? Consideras que este tipo de oferta turística diferenciada e assente na preservação do património natural tem lugar no panorama atual?

Acho muito interessante a sinergia que está a ser conseguida. As pequenas marcas quando se querem lançar no mercado enfrentam grandes dificuldades de penetração nos mercados, grande concorrência, concorrência desleal face a empresas mais musculadas... Acho que ligar este turismo mais ligado à natureza, assente numa cadeia de valor que tem como missão preservar e não só a pura obtenção de rendimento, que usufrui desta mas a preserva, faz muito sentido. Faz muito sentido esta sinergia entre produtores e a Rewilding Portugal, como a Matreira e a Flor Alta, das quais pude experimentar vários produtos. São produtos locais, uma montra do que é feito da região e hoje em dia quando tu queres conhecer uma cidade específica, tu queres saber e provar o que é feito lá e de que forma. O facto de a Rewilding estar a reunir todos estes parceiros vai torná-los mais fortes e mais unidos. Uma sinergia que eu acho que, quando o turista a recebe, é



muito bonita e tem muita força. Tem todo o lugar no panorama atual, deve ser apoiada. Sem esta rede talvez estes produtores locais não tivessem tanta visibilidade como agora têm. Produtos e, claro, serviços.

Enquanto figura reconhecida no mundo da televisão/cinema, assim como influenciadora digital, principalmente na área da sustentabilidade e do ambiente, qual achas ser a importância que esse tipo de papel pode ter para ajudar projetos de conservação de natureza? Como te vês nessa missão de dar a conhecer estes projetos e organizações? Como surgiu esta tua paixão pelo património natural e por esta causa?

Acho que se há algum impacto que posso ter é a amplificação dos projetos de que falo e por isso mesmo tenho sempre muito cuidado em que projetos escolho para amplificar. Por isso faz tanto sentido conhecer os projetos de que falo por dentro como conheci o trabalho da Rewilding, para quando o amplifico e partilho com a minha comunidade ter a certeza de que é merecedor dessa amplificação. O que mais desejo é que este meu papel pudesse dar, e tenho a certeza que dá, frutos e resultados para que este trabalho tão nobre e estas sinergias tão importantes para a regeneração ambiental e social destas regiões aconteçam. O facto de ter nascido no campo e ser neta de agricultores e pessoas ligadas à produção agrícola, que trabalhavam diretamente com as terras, com o solo, com o vento, com a chuva... ajudou muito no sentido em que sei o quão importante é preservar a natureza para também conseguir usufruir dela, algo que acho nesta sociedade está um pouco esquecido. Esquecemo-nos que para sermos sustentados pela natureza temos de cuidar dela e vem muito daí, desse meu passado ligado à terra e de assistir a este panorama atual em que vejo que o foco não está na preservação do que nos sustenta, e que isso não está certo. Temos de ser muito gratos a este planeta que nos sustenta e essa gratidão deve ser manifestada pelo respeito e pelo cuidado, temos de voltar aí: a respeitar os ciclos da vida, os ciclos da natureza e perceber que a nossa espécie só tem continuidade se reentrar nesse reconhecimento do grande poder da natureza e do quanto precisamos dela.

Surgiu entretanto, e anunciamos em primeira mão, o convite para seres a voz da narração do novo documentário da Rewilding Portugal, atualmente em fase de gravações e produção, que vai para o ar entre o final de 2023 e o começo de 2024. Foi um sim imediato? Estás entusiasmada com esta nova experiência?

Foi um sim logo imediato! O facto de eu conhecer já a Rewilding e de já ter estado no terreno convosco, “em vossa casa”, com as pessoas com



quem trabalham diretamente, a vossa equipa, os vossos parceiros, ver os resultados no terreno da renaturalização que estão a levar a cabo, faz com que vista totalmente a t-shirt Rewilding Portugal e quando me convidam para ser a voz do novo documentário eu acho um privilégio e claro que sim, quero fazer parte! Primeiro por causa desta nossa ligação e depois porque enquanto estiver a narrar tenho a certeza de que vou aprender mais mil coisas devido ao vosso trabalho e da vossa experiência no terreno. Vejo nisto não só um privilégio, mas mais uma oportunidade para aprender mais coisas. Eu estou sempre disponível para aprender e saber o que está a acontecer. Terei todo o orgulho em através da minha voz passar a mensagem e o que está a ser feito pela Rewilding Portugal nestes últimos anos e o que é que está a ser conquistado, é um orgulho!

O que mais te inspira nesta abordagem de rewilding?

Assisto cada vez mais e com um grande lamento a esta desconexão do ser humano com os ciclos da natureza. Hoje em dia falar nisto é até meio hippie, quando na realidade é o nosso ADN, a nossa base, a nossa génese. Vivemos todos em caixas de betão em cidades sobrepovoadas, feias e fechadas, e a maior parte das nossas crianças nem sabe de onde vêm as hortícolas ou as frutas, o que comemos... E entristece-me. Esta abordagem rewilding quer devolver à natureza o tempo e o espaço de se regenerar a si própria, reconhecendo a sabedoria da própria natureza. E isso é o que mais me fascina. Se dermos espaço à natureza neste momento, e tivemos exemplos disso até durante a pandemia quando retirámos o elemento humano de certos espaços e ambientes, esta consegue regenerar-se, até porque o seu poder é imenso. Esta abordagem rewilding assenta nesse respeito pela natureza e pelo seu espaço e tempo para se curar. Acredita na mestria da natureza, e eu também acredito muito no mesmo. Esta abordagem, este conhecimento, faz-me todo o sentido e é por isso que me inspira e é por isso que me faz muito sentido estar convosco.





A arte regressa ao selvagem no Grande Vale do Côa com o Festival CÔA – Corredor das Artes

O FESTIVAL CÔA – CORREDOR DAS ARTES CHEGA AO GRANDE VALE DO CÔA EM JULHO DE 2023, PASSANDO POR CINCO MUNICÍPIOS E LEVANDO A ARTE E A NATUREZA A TODA A REGIÃO NUMA SIMBIOSE NUNCA ANTES VISTA. UM FESTIVAL QUE PROCURA CONECTAR ARTISTAS COM COMUNIDADES NUM AMBIENTE NATURAL, PARA ASSIM COCRIAREM OBRAS DE ARTE QUE INTEGRARÃO A PRÓPRIA PAISAGEM. ISTO PARA ALÉM DE UMA PROGRAMAÇÃO CULTURAL E CIENTÍFICA FORTE E DIVERSIFICADA.

O festival terá um formato móvel, ocorrendo em cinco secções diferentes do Grande Vale do Côa (Sabugal, Almeida, Figueira Castelo Rodrigo, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa), acompanhando o próprio rio Côa desde a sua nascente até à foz, em cinco fins-de-semana consecutivos durante todo o mês de julho, e também com programação ao longo da semana. Serão seis os artistas internacionais e consagrados que estarão este ano em residência artística na região, criando peças de arte na paisagem que apenas podem usar materiais naturais, sendo peças cujo decaimento na-

tural será respeitado, integrando-se naturalmente no processo de evolução da paisagem.

O festival concentra uma programação artística muito diversa, tanto nas modalidades como nos estilos, junto das várias sedes de concelho que farão parte do festival, nesses cinco fins-de-semana, mas tendo também uma componente científica e de visitação forte, onde o rewilding estará em claro destaque e evidência, e que acompanhar  as semanas entre esses dias de concentra o num só local. Serão trinta dias de atividades, sem pausas e de atra o turstica



forte para toda a região, mostrando que o turismo baseado na natureza e com uma forte componente de rewilding é uma opção de presente e de futuro para esta região que é cada vez mais o lado mais selvagem de Portugal.

Nestes fins-de-semana, o evento ocorrerá num lugar central de cada um dos concelhos, ao ar livre, e contará com cinema, teatro, música, dança e muitas outras artes cénicas, isto para além de pequenas feiras onde os produtores e operadores locais terão oportunidade de dar a conhecer os seus produtos e serviços aos visitantes, assim como espaços de restauração e bebidas para providenciar todo o conforto e comodidades aos visitantes. O festival terá ainda uma programação específica dedicada aos mais novos, num espaço infantil dedicado e cheio de animação.

Ao longo da semana, a programação contará com oficinas e atividades de natureza, ciência e recreação, bem como visitas e caminhadas às peças de arte desenvolvidas pelos criadores que estiveram no território em residência artística. Falamos aqui de visitas de campo relacionadas com astronomia, biologia e geologia com especialistas destas áreas, visitas às áreas rewilding e muitas outras atividades inseridas no espírito e no conceito deste festival.

O CÔA – Corredor das Artes é portanto um roteiro que se torna um verdadeiro museu ao ar livre de arte integrada na paisagem e que se irá misturar naturalmente com esta. Pretende-se que o desenvolvimento destas obras crie uma ligação especial entre os artistas e as comunidades envolventes, tornando-as parte do processo criativo. Um roteiro para ser visitado e percorrido em ritmo lento, respeitando os ritmos lentos da própria natureza.



Conheça os seis artistas que vão estar em residência artística no Grande Vale do Côa

COM ESTE FESTIVAL A ASSENTAR MUITO NESTA IDEIA DA CRIAÇÃO DE UM VERDADEIRO MUSEU AO AR LIVRE, PRETENDENDO DAR CONTINUIDADE À EXPRESSÃO DA ARTE NA PAISAGEM E DA REPRESENTAÇÃO DESTA PAISAGEM ATRAVÉS DA ARTE, NUM CRUZAMENTO DE DOIS MUNDOS INDISSOCIÁVEIS. VÃO DECORRER SEIS RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS DE ARTE NA PAISAGEM AO LONGO DO GRANDE VALE DO CÔA.

Foram mais de 300 as candidaturas para participar nestas residências, tendo sido necessário um processo de seleção longo e muito exigente para se chegar aos seis vencedores, escolhidos pelo painel de quatro curadores do evento: Pedro Prata (Rewilding Portugal), Sérgio Novo (ASTA),

Nantje Wilke (KIT – Kunst im Tunnel) e Pedro Russo (Leiden University). E quem foram os selecionados? Gaspard Combes (Suíça), Michèle Trotta (França), Antony Lyons (Reino Unido), Rumen Dimitrov (Bulgária), Marcelo Moscheta (Brasil, a viver em Portugal) e elparo (França).

GASPARD COMBES



Gaspard Combes vai desenvolver a sua peça na área rewilding do Ermo das Águias. Tem dividido a sua vida entre a Suíça e a França e é um artista visual formado na Gerrit Rietveld Academie em Amesterdão, tendo feito também um intercâmbio em Jerusalém. Já fez várias residências artísticas de arte na paisagem pelo mundo

inteiro, nomeadamente França, Suíça, Holanda e Reino Unido. Os seus últimos trabalhos foram no Quebec (Canadá) e em Dar Es Salaam (Tanzânia). Um artista que gosta de, em trabalhos de grandes dimensões, questionar o humano atual desligado do mundo natural e colocar em perspectiva a fugacidade da nossa existência.

MICHÈLE TROTTA



Michèle Trotta vai ter a sua peça nas imediações do Museu do Côa. Nascida em França, Michèle tem claras influências da Arte Povera na sua expressão artística, privilegiando o processo sobre o objeto acabado. Verdadeiros paradoxos que viajam entre o natural e o não natural, refletindo relações ambíguas entre gravidade e

leveza, vazio e cheio, real e virtual. Privilegia o tempo que os seus trabalhos levam a executar como elemento que faz parte do processo, transformando a obra no resultado de um encontro entre o seu universo interior e o território em que atua e no qual se relaciona com os habitantes, com a história, com as práticas e com a natureza envolvente.

ANTONY LYONS



Antony Lyons vai desenvolver a sua peça na Reserva da Faia Brava. Nascido na Irlanda, o Antony vive no Reino Unido e é um artista ecológico, que se dedica maioritariamente a instalações site-specific como a que vai desenvolver aqui, assim como a trabalhos de vídeo/áudio e fotografia. Um artista que trabalha muito

com a comunidade e que a envolve ao longo de todo o processo. A sua prática criativa une a arte com a ciência e já tem vasta experiência a trabalhar nesta região, tendo sido também ele a desenvolver o projeto Wild Côa Symphony - uma residência artística organizada pelo Endangered Landscapes Programme nesta região.



LUIS AGOSTINHO

RUMEN DIMITROV



Rumen Dimitrov vai desenvolver a sua peça no centro do Sabugal, junto às margens do Rio Côa. Artista búlgaro, o Rumen é escultor e gosta de trabalhar em esculturas de exterior de grandes dimensões, gostando principalmente de trabalhar com madeira no seu estado mais

puro. Um artista com muita experiência em arte na paisagem e que passa grande parte do ano a trabalhar no estrangeiro, tendo já percorrido o mundo inteiro a fazer o que mais gosta. O seu último projeto foi na Coreia do Sul. Tem a sua própria ONG promotora de arte na paisagem, a Dupini.

MARCELO MOSCHETA



Marcelo Moscheta vai ter a sua peça instalada na área rewilding do Vale Carapito, em Vilar Maior. Nasceu no Brasil, mas vive neste momento em Coimbra, onde está a tirar o seu doutoramento em Arte Contemporânea. Artista há 22 anos, o seu

processo consiste em recolher elementos e imagens no terreno, reproduzi-los através de desenhos e fotografias e assim criar depois objetos e instalações artísticas. Nos últimos anos, Marcelo tem vencido várias premiações e realizado trabalhos um pouco por todo o mundo, com o seu reconhecimento a precedê-lo.

ELPARO



Elparo vai ter a sua peça instalada nas antigas Termas da Fonte Santa, em Almeida. Um artista autodidata, que cresceu entre os subúrbios e o interior de Paris. Começou por explorar a arte pictórica no início, dedicando-se agora

totalmente a obras de arte adaptadas especificamente a cada local. Grande parte do seu trabalho envolve a criação de grandes peças de arte a partir de ramos e troncos, tendo imensa experiência em projetos internacionais e tendo já estado em Portugal em 2019 a desenvolver uma peça na Bienal de Vila Nova de Famalicão.

2ª Edição do Rewilding Photo Contest

EM 2022, A REWILDING PORTUGAL E O MUNICÍPIO DO SABUGAL UNIRAM-SE PARA LEVAR A CABO A SEGUNDA EDIÇÃO DO CONCURSO DE FOTOGRAFIA DE NATUREZA “REWILDING PHOTO CONTEST”, NUMA EDIÇÃO QUE TROUXE MUITAS NOVIDADES, NOVOS PRÉMIOS E CADA VEZ MAIS ADEÇÃO. A COMUNIDADE CULTURA E ARTE VOLTOU A SER PARCEIRA DE COMUNICAÇÃO DESTE CONCURSO FOTOGRÁFICO.

O Concurso de Fotografia de Natureza “Rewilding Photo Contest”, tem como principal objetivo promover o património natural português e a sua respetiva valorização e proteção, através da fotografia de natureza como meio de dar a conhecer à comunidade os magníficos ecossistemas e respetivas espécies de fauna e flora selvagem que temos no nosso país. No ano de 2022, o concurso foi dividido em quatro categorias diferentes: Fauna; Flora e Fungos; Paisagens com habitats naturais e ainda Grande Vale do Côa (nesta categoria podiam concorrer fotografias sobre qualquer temática de natureza, desde que tivessem sido tiradas na região).

O júri do concurso foi composto por um elemento da Rewilding Portugal, um elemento do

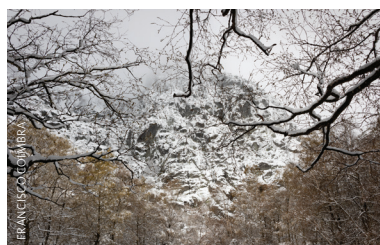
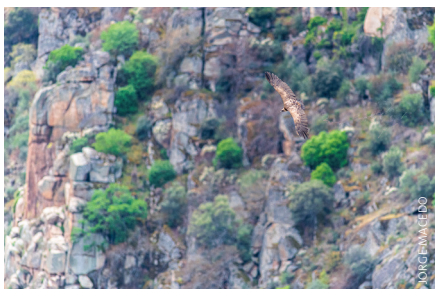
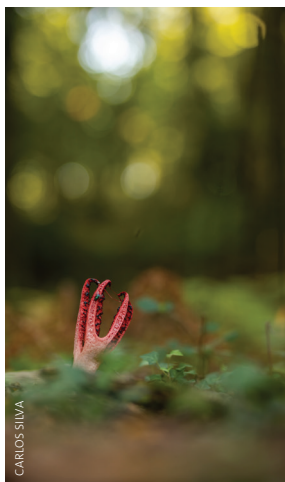
Município do Sabugal, um elemento da Comunidade Cultura e Arte e ainda João Cosme, fotógrafo de natureza reconhecido e premiado por diversas ocasiões. E o número de prémios aumentou e tornou-se mais atrativo, para incentivar uma maior participação no certame. Introduziram-se prémios monetários e premiaram-se três fotografias em cada uma das quatro categorias, existindo ainda menções honrosas a atribuir por parte do júri.

Quanto aos premiados, na categoria de Fauna, o primeiro lugar foi entregue a Norberto Esteves, o segundo a Daniel Santos e o terceiro a Brais Palmás. Já em Flora e Fungos, o vencedor foi Guilherme Limas, seguido de Pedro Esteves e Carlos Silva. Em Paisagens Naturais, a vencedora foi Margarida Marreiros, seguida de Pedro Silva e Francisco Coimbra, este último o único repetente respetivamente aos prémios do último ano. Por último, na categoria Grande Vale do Côa, o primeiro lugar foi entregue a Jorge Macedo, o segundo a Agnes Sobon e o terceiro a José Amaral. O júri decidiu ainda atribuir quatro menções honrosas a fotografias que, embora não tenham vencido nenhum prémio, foram consideradas merecedoras de reconhecimento pela sua qualidade por parte do júri, tendo recebido também destaque na cerimónia de entrega de prémios, a: João Lelo, Hugo Amador, Jorge Costa e Diogo Nazaré.

A entrega de prémios aconteceu no mês de outubro, e foi realizada em parceria com o Município do Sabugal, no auditório do Museu do Sabugal. Houve depois um almoço-convívio em Vilar Maior, na Casa Villar Mayor (membro da Rede Côa Selvagem) e uma visita guiada à área rewilding do Vale Carapito, pela equipa da Rewilding Portugal.

O concurso regressa este ano de 2023 para uma nova edição, que promete ainda mais novidades e surpresas, com o objetivo de se cimentar cada vez mais no panorama fotográfico nacional.

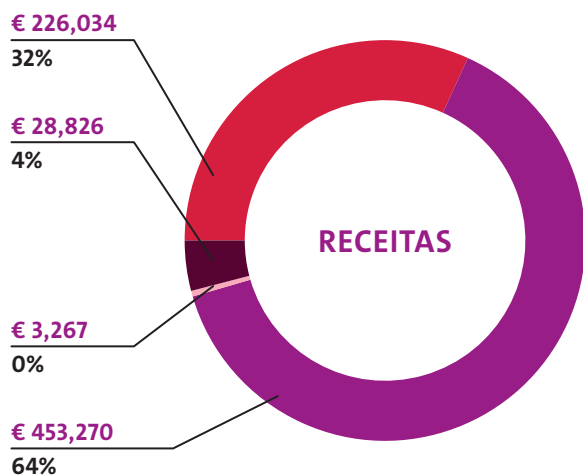




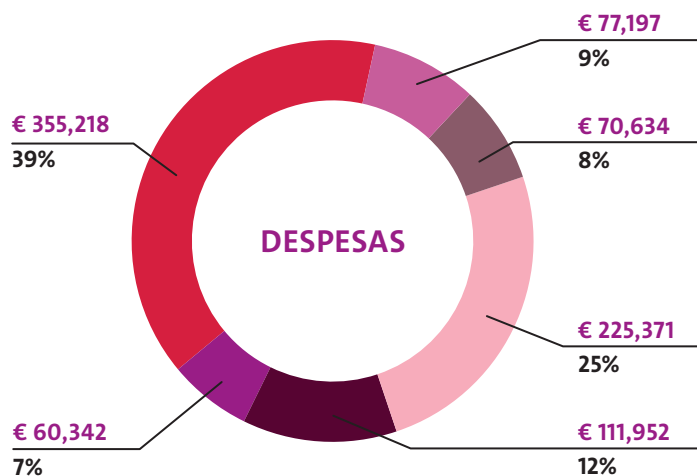


BLUE NOMADS / REWILDING EUROPE

Finanças 2022



- ELP - Promover a Renaturalização do GVC
- Outras Receitas
- Doações de fundos e fundações
- Vendas e Valor do Stock Atual



- Custos de pessoal
- Transporte e Viagens
- Equipamentos e Infraestrutura
- Outras Atividades de Conservação
- Consumíveis e Custos indiretos
- Aquisição de terras

Parcerias

FINANCIADORES



COLABORADORES

Parceiro Estratégico



Parceiros de Projetos



Outros



MEDIA PARTNERS



PATRONS

GONÇALO PEREIRA; AHREN JEFFRIES; SIMÃO COSTA; BRUNO BARBOSA; SANDRA BATISTA; FILIPE COSTA; ALEXANDER VON HILDEBRAND; OLGA DUCHEVA; JOON YU; SALVADOR VASSALO; TERESA RAMOS; ADRIANA ALMEIDA; ENTANGLED OTHERS STUDIO; RITA AHLBORN; LUÍS CARDOSO; JOAQUIM FREITAS; DAVID SCHUBACH; MIGUEL ESTIMA; MÁRIO BARREIRA; DAVID NEVES; SUE MAGEE; CRISTINA MONTEIRO; CÉSAR CARPINTEIRO; FRANCISCO GOMEZ; TIAGO ALVES; CARLA COSTA; RITA LEAL; ANA VARELA; FRANZISKA KAUFMANN; ADRIANA ALBUQUERQUE; MÁRCIA AUGUSTO; JULIE HODGSON; RUI GUERRA; LUÍS RAMOS; DUARTE VALE; JADWIGA RUCHLEWSKA; MARIA KOWALSKI; NÁDIA CABRAL; LUÍS AFONSO; ANDREI KURBYKO; ANDRÉ VAN ECK; CATARINA PALMA; CARL SPURLING; PAUL JOSEFSSON; STEPHEN MOSS; JIL COELHO; FÁBIO PAULOS; ÂNGELA GONÇALVES; TIAGO CAXIAS; PEDRO VIANA; JORGE COSTA; DAVID SHAIKH; JOÃO AMORIM; HECTOR; JEAN JOSEPH HENRY; ALAN SCHUT; ALEXANDER HUSUM; MIGUEL VELLOSO; VASCO COTOVIO; MÁRCIA CARVALHO; M&M; CAMILA FIGUEIREDO; ANDRÉ CAMPOS.



Apoiar o trabalho da Rewilding Portugal

Existem várias formas de apoiar o trabalho da Rewilding Portugal. Visitar o Grande Vale do Côa e as nossas áreas rewilding através dos vários membros da Rede Côa Selvagem que operam nestas é uma forma de contribuir diretamente para os esforços de conservação da região, já que uma pequena percentagem do custo dessas ofertas reverte para a organização. Além disso, usufruir dos serviços e produtos da rede é sempre uma forma positiva e prática de apoiar empresas baseadas na natureza da região e que apoiam a iniciativa rewilding.

Com a abertura do Centro Rewilding como alojamento local, se precisar de dormir na região, opte por dormir connosco neste nosso novo espaço e assim contribuir também para financiar as nossas ações e já agora visitar a área rewilding do Ermo das Águias que fica logo ali à porta.

Alternativamente, para empresas interessadas em desenvolver modelos de Responsabili-

dade Social Empresarial, há várias opções, como:

- Financiar a aquisição de terrenos dedicados à conservação da natureza;
- Adquirir créditos de carbono e/ou créditos de rewilding (ainda em desenvolvimento);
- Trazer os seus funcionários/quadros para as nossas Nature Positive Rewilding Weeks/Weekends, atividades de team building na natureza organizadas à medida para a sua empresa;
- Adquirir os nossos cabazes corporativos de produtos locais e baseados na natureza;
- Apoiar a expansão estratégica de rewilding em Portugal.

Finalmente, a Rewilding Portugal está no Patreon e é possível apoiar a organização com uma pequena contribuição mensal, tendo direito a conteúdos exclusivos sobre o trabalho da organização. A subscrição pode ser cancelada a qualquer altura. Para subscrever o nosso Patreon basta aceder a este link:

www.patreon.com/rewildingportugal



Subscreva o nosso
Patreon aqui!

 www.facebook.com/rewildingportugal

 www.instagram.com/rewilding_portugal

 www.twitter.com/rewildingportug

 www.linkedin.com/company/rewildingportugal



www.rewilding-portugal.com

info@rewilding-portugal.com